Imigrantes italianos desembarcam no Porto de Santos em 1907: antecedentes de tantos Jorginhos que existem por aí, nos campos do Brasil

O MUNDO É UMA BOLA

A edição de PLACAR que você tem em mãos ilumina um capítulo fundamental da recente história do futebol mundial: o êxodo de jogadores que, mal saídos da adolescência, vão jogar no exterior e lá constroem a vida. Nas décadas de 1990 e 2000, era comum que craques revelados em campos brasileiros rapidamente fossem levados para fora, como aconteceu com Romário e Ronaldo, catapultados por Vasco e Cruzeiro para brilhar na Holanda. Ainda hoje isso ocorre — e convém lembrar de Vinicius Jr., descoberto no Flamengo e que cresce e aparece no Real Madrid. Mas o fenômeno sobre o qual queremos falar é outro: jovens que, mesmo antes de surgirem nos gramados daqui, já estão além-mar. Bem-vindo à história de Jorge Luiz Frello Filho, o Jorginho, tema da reportagem de capa. Em 2007, com apenas 15 anos, ele trocou um projeto social em Santa Catarina pelo Hellas Verona, da Itália. Passou por Sambonifacese e Napoli e, em 2018, chegou ao Chelsea, da Inglaterra. No meio desse caminho, escolheu se tornar italiano para jogar pela Azzurra.

Em 2021, foi campeão da Euro, com a seleção da Bota, e da Champions League, com a equipe londrina. A mudança de ares, que incluiu o novo passaporte, não foi fácil. Ao contrário. Não só porque boa parte de seus familiares ainda está na cidade catarinense de Imbituba, mas porque Jorginho, é claro, sonhava em vestir a camisa canarinho. "Vivi na Itália por quase quinze anos, metade da minha vida, foi lá que me formei como ser humano", disse o meia a PLACAR. "Não consigo expressar o carinho e a gratidão que tenho pelo país. Eles me escolheram e eu os escolhi." A frase ecoa, de alguma forma, os relatos dos imigrantes italianos que, no fim do século XIX e início do século XX, vieram buscar o futuro no Brasil. A ida do craque para a Europa é como um círculo que se fecha — o descendente de imigrantes que volta para a Itália, em bonito aceno à memória de seus familiares. Ressal-

CAPA: FOTO DE MICHAEL REGAN/UEFA/GETTY IMAGES

ve-se que a aventura vitoriosa de Jorginho — candidato a melhor do mundo, em 29 de novembro — ganha ainda mais força se comparada à rápida travessia de Sócrates pela Fiorentina, em 1984 e 1985. O que tinha tudo para ser uma consagração se transformou num momento ruim do genial atacante, como mostra o capítulo do livro *Doutor Sócrates*, de Andrew Downie, que publicamos com exclusividade a partir da página 40.

***

PLACAR tem algumas boas novidades para dividir com você:

■ A revista foi eleita a mais admirada do Brasil na categoria veículo impresso da imprensa esportiva, em votação promovida pelo Portal dos Jornalistas em parceira com a respeitadíssima publicação Jornalistas&Cia. Luca Castilho, jovem integrante de nossa equipe (autor da reportagem de capa deste mês), recebeu o prêmio de mais admirado na categoria repórter de veículo impresso.

■ Em outubro, PLACAR se tornou membro da Siga (Sport Integrity Global Alliance), entidade internacional sem fins lucrativos destinada a reunir as mais respeitadas publicações de todo o mundo em torno de um objetivo: a permanente vigilância contra a corrupção no esporte, contra o racismo e a favor da igualdade de gênero e da transparência nos negócios do esporte. São temas caros à revista. ■

revistaplacar
@placar
@RevistaPlacar
placar.abril.com.br
placar@abril.com.br

6 IMAGENS DO MÊS

12 ESPECIAL
A bonita trajetória de Jorginho, que conquistou a Itália

20 ESTRUTURA
A interessante leva de treinadores estrangeiros no Brasil

24 COMPORTAMENTO
Com a volta das torcidas, renascem a paixão e a violência

28 NEGÓCIOS
O sucesso do Red Bull Bragantino no formato de clube-empresa

34 ESTATÍSTICA
Os motivos para a queda do número de gols de falta

Os torcedores retomam as arquibancadas depois de um ano e meio: incentivo e provocação

GILVAN DE SOUZA/FLAMENGO

PRORROGAÇÃO

39 CULTURA, MEMÓRIA & IDEIAS

66 COLUNA Paulo Cezar Caju

Fundada em 1950

VICTOR CIVITA (1907-1990)
ROBERTO CIVITA (1936-2013)

Publisher: Fábio Carvalho

Diretor de Redação: Mauricio Lima

PLACAR

Redator-Chefe: Fábio Altman
Editor Assistente: Luiz Felipe Castro
Checadoras: Andressa Tobita, Luana Lourenço Alves Pinto **Editor de Arte:** Daniel Marucci
Designers: Ana Cristina Chimabuco, Luciana Rivera, Ricardo Horvat Leite **Infografistas:** Anderson Marçal Leandro, Wander Moreira Mendes
Fotografia: Editor: Alexandre Reche **Pesquisadoras:** Ana Paula Galisteu, Iara Silvia Brezeguello Rodrigues
Produção Editorial: Supervisora de Editoração/Revisão: Shirley Souza Sodré **Secretárias de Produção:** Andrea Caitano, Patrícia Villas Bôas Cueva, Vera Fedschenko **Revisoras:** Rosana Tanus, Valquiria Della Pozza **Supervisor de Preparação Digital:** Edval Moreira Vilas Boas **Preparador Digital:** Luiz Henrique Silva de Azevedo

Colaboraram nesta edição: Alexandre Battibugli (fotografia); Sidnei Gil, Tatiana Leonardi, Thamyres Rezende, Tiago Guimarães e Wellington Budim (Dedoc); Kaio Figueredo da Silva (pesquisa de fotos); Gabriel Grossi (edição de texto); Guilherme Azevedo, Klaus Richmond e Luca Castilho (reportagem)
www.placar.com.br

DIRETORIA EXECUTIVA DE PUBLICIDADE Jack Blanc **DIRETORIA EXECUTIVA DE DESENVOLVIMENTO EDITORIAL E AUDIÊNCIA** Andrea Abelleira **DIRETORIA EXECUTIVA DE OPERAÇÕES** Lucas Caulliraux **DIRETORIA EXECUTIVA DE TECNOLOGIA** Guilherme Valente **DIRETORIA DE MONETIZAÇÃO E RELACIONAMENTO COM CLIENTES** Erik Carvalho

Redação e Correspondência: Rua Cerro Corá, 2175, lojas 101 a 105, 1º e 2º andares, Vila Romana, São Paulo, SP, CEP 05061-450

PLACAR 1481 (789 3614 11176 6), ano 51, é uma publicação mensal da Editora Abril. Edições anteriores: venda exclusiva em bancas, pelo preço da última edição em banca mais despesa de remessa (sujeito à disponibilidade de estoque). Solicite ao seu jornaleiro. Distribuída em todo o país pela Dinap S.A. Distribuidora Nacional de Publicações, São Paulo. **PLACAR** não admite publicidade redacional.

Serviço ao assinante: Grande São Paulo: (11) 5087-2112
Demais localidades: 0800-7752112
www.abrilsac.com.br
Para assinar: Grande São Paulo: (11) 3347-2121
Demais localidades: 0800-7752828
www.assineabril.com.br

IMPRESSA NA ESDEVA INDÚSTRIA GRÁFICA LTDA.
Av. Brasil, 1405, Poço Rico, CEP 36020-110, Juiz de Fora, MG

www.grupoabril.com.br

MARTA
10

"MUITA COISA LEGAL VEM AÍ"

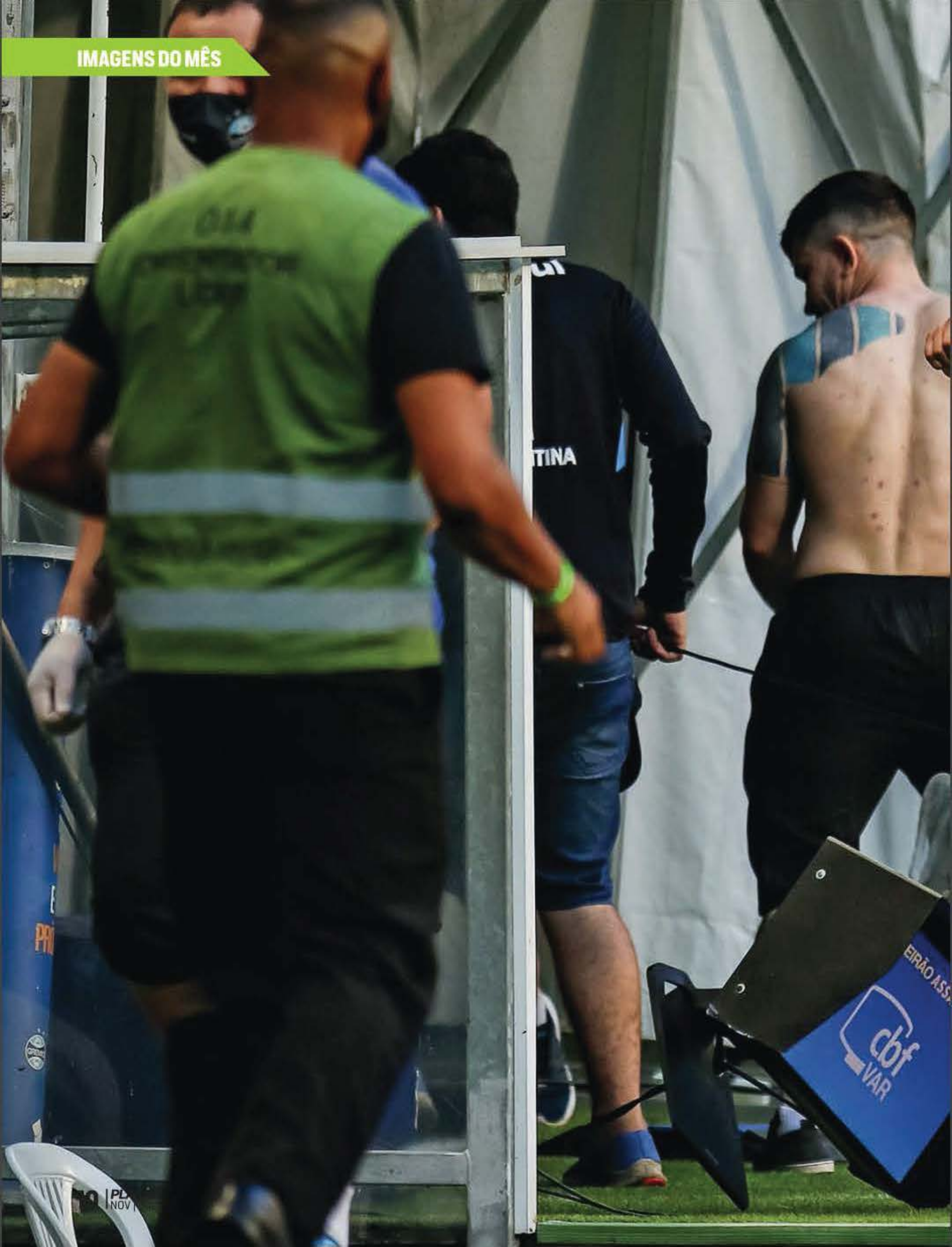
Foram dois amistosos da seleção feminina contra a Austrália, em Sydney: uma derrota por 3 a 1 e um digno empate em 2 a 2. A equipe da treinadora sueca Pia Sundhage começa a se reconstruir depois do desempenho apenas mediano na Olimpíada de Tóquio. Mas quem nunca perde a fleuma, celebrada por onde passa, é a alagoana Marta, a melhor do mundo em seis oportunidades. Aos 35 anos, ela enxerga renovação depois de sua aposentadoria. "Muita coisa legal vem aí."

DAN HIMBRECHTS/EPA/EFE

LIGUE 1
Uber Eats
Serei seu
eterno fã
Rainha
da sofrênci
Rip MM

O ADEUS À RAINHA DA SOFRÊNCIA

A morte da cantora Marília Mendonça, em decorrência de um acidente aéreo, produziu uma onda de comoção em todo o país. Ela tinha relações próximas com os jogadores, que nunca esconderam o apreço pela rainha do "feminejo", nos ônibus depois dos jogos, nas redes sociais, nas festas. E, então, na vitória por 3 a 2 contra o Bordeaux, Neymar homenageou a amiga. Ao marcar o primeiro gol, levantou a camisa do PSG e, por debaixo dela, exibiu uma camiseta branca com uma frase escrita à mão: "Serei seu eterno fã, rainha da sofrência. R.I.P. MM". Em estádios do Brasil, no fim de semana seguinte à tragédia de 5 de novembro, houve canto nas arquibancadas e imagens nos telões. Foi bonito e triste.

PHILIPPE LOPEZ/AFP

VERGONHA F.C.

Faz parte do futebol o desempenho medíocre, para dizer o mínimo, do Grêmio no Brasileirão de 2021. Inaceitável, abaixo da linha da humanidade, foi o comportamento de um grupo de torcedores do tricolor gaúcho. Depois da derrota por 3 a 1, de virada, contra o Palmeiras, em Porto Alegre, no fim de outubro, eles invadiram o gramado *(leia mais na pág. 24)*. Puseram os jogadores para correr e destruíram a chutes as telas do VAR instaladas à beira do campo. Reclamaram de um pênalti a favor do Palmeiras e de um impedimento azul. O VAR, ressalve-se, é o menor dos problemas gremistas neste 2021 de terríveis lembranças.

LUCAS ULOSS/FUTURA PRESS

FORZA, JORGINHO!

Candidato à Bola de Ouro, ídolo do Chelsea e referência da seleção italiana campeã da Euro, o meia nascido em Santa Catarina fez uma trajetória contrária à de seus antepassados, que deixaram a Europa para viver e vencer no Brasil

Luca Castilho

Caía uma noite fria em Nápoles, dessas de mal sair das cobertas, quando o smartphone de Jorginho tocou. Era novembro de 2017. Do outro lado da linha estava Edu Gaspar, então coordenador da CBF. Já classificada para a Copa do Mundo da Rússia, a seleção brasileira teria pela frente dois amistosos, contra a Inglaterra e o Japão. Tite queria observar outros jogadores, tirar as últimas dúvidas. O treinador elaborara uma pré-lista com 45 nomes, incluindo o do ítalo-brasileiro que se destacava pelo Napoli. Edu deixou claro: o interesse não representaria garantia de convocação para o Mundial. Naquela mesma época, o nome de Jorge Luiz Frello Filho, bisneto de italiano, com passaporte europeu, pintou na lista do técnico Giampiero Ventura, o responsável por tentar livrar a Itália do vexame que seria ficar fora da Copa depois de sessenta anos, na repescagem, diante da Suécia. Como se sabe, ele decidiu pela nação que o acolheu e o resto é história, uma bela história. "Se eu dissesse que foi uma decisão fácil, estaria mentindo", admitiu Jorginho a PLACAR *(leia a entrevista nas próximas páginas).*

O início na seleção italiana foi turbulento. Jorginho já havia participado de dois

O craque com o troféu da Euro: Tite chegou a pensar em seu nome, mas ele preferiu vestir a camisa europeia

MICHAEL REGAN/UEFA/GETTY IMAGES

amistosos com o então técnico Antonio Conte, em 2016, mas a estreia para valer foi mesmo numa roubada e tanto, a amarga eliminação para os suecos, após derrota em Estocolmo e empate em Milão. O brasileiro de nascimento era um dos rostos do fiasco, um prato cheio para os xenofóbicos que insistem em assombrar a Europa. O meia de 29 anos viraria o jogo em grande estilo ao se firmar como titular e brilhar na campanha do título europeu em julho, na decisão contra a Inglaterra, no Estádio de Wembley, em Londres, cidade onde vive desde 2018. Vestindo outro uniforme azulão, o do Chelsea, Jorginho coroou sua mágica temporada com o título da Liga dos Campeões. Fez oito gols e ditou o ritmo do time na temporada. Não por acaso, recebeu o prêmio de melhor jogador da Uefa e agora vive a expectativa pela entrega da Bola de Ouro, da revista *France Football*, em 29 de novembro, no Théâtre du Châtelet, em Paris. Jorginho admite ser um forte candidato. Superar craques como Lionel Messi, Cristiano Ronaldo, Karim Benzema e Robert Lewandowski seria o ápice de uma trajetória incomum — mas não inédita.

Vários *oriundi*, como são chamados os cidadãos com ascendência italiana nascidos em outro país, já cantaram os versos de *Fratelli d'Italia*. A seleção campeã da Euro 2020, por sinal, tinha também o paulista Emerson Palmieri e o mato-grossense Rafael Tolói. Recentemente, Eder, Thiago Motta e Amauri também "abrasileiraram" a Azzurra. O caso mais emblemático é o de José João Altafini, mais conhecido por aqui como Mazzola. Depois de passagens pelo XV de Piracicaba e Palmeiras na década de 50, o atacante venceu a Copa do Mundo de 1958 pelo Brasil. Logo em seguida, transferiu-se para a Itália, onde se tornou um dos maiores artilheiros da história do Calcio, com 216 gols por Milan, Napoli e Juventus. Com a cidadania italiana em mãos, Altafini defendeu o país europeu na Copa de 1962, também vencida por Pelé e Mané. "Se continuasse no Brasil, teria a chance de disputar outras três Copas. Nesse período, porém, a extinta CBD não chamava os jo-

JAMES WILLIAMSON/AMA/GETTY IMAGES

Herói londrino: em três anos de Chelsea, ergueu a Liga Europa em 2019 e a tão sonhada Champions neste ano *(à dir.)*; por isso, o camisa 5 é admirado por crianças e adultos

"NINGUÉM GANHOU MAIS TÍTULOS DO QUE EU"

Jorginho diz que as conquistas pela Azzurra e pelo Chelsea em 2020 e 2021 o credenciam ao posto de melhor do mundo e detalha o momento em que teve de optar entre o Brasil e a Itália

Como foi a decisão de defender a seleção italiana e abrir mão da brasileira? Chegou a ter dúvidas? Se eu dissesse que foi uma decisão fácil, estaria mentindo. Alguns dias antes do convite da Itália recebi uma ligação do Edu Gaspar *(então coordenador da CBF)* dizendo que eu estava na lista de observações do Tite e muito bem cotado. Mas eu não tinha certeza nenhuma de que seria convocado. Lembro de ligar para minha mãe e minha irmã, Fernanda, e conversar por horas a fio. Depois desse telefonema, agradeci ao Edu e optei pelo projeto da Itália, que sempre me colocou como peça importante e me valorizou. Vivi na Itália por quase quinze anos, metade da minha vida, foi lá que me formei como ser humano. Não consigo expressar o carinho e a gratidão que tenho pelo país. Eles me escolheram e eu os escolhi. Desde então tudo tem

MANU FERNANDEZ/EPA/EFE

gadores que atuavam no exterior", lamentou Altafini, em entrevista a PLACAR em fevereiro de 1987. Ao contrário de Jorginho, ele demonstrou certa amargura com a escolha. "Com apenas 23 anos, já estava queimado para o futebol brasileiro. Aceitei o convite sem pensar muito. Quando estava viajando para jogar na Copa do Chile, o avião fez uma escala em Campinas e pensei até em ficar por lá. Não estava bem comigo mesmo e, confesso, me senti um pouco traidor", completou. Hoje, aos 83 anos, ele ainda vive na Itália, onde se destacou também como comentarista.

Cortemos, como num filme de sagas familiares, para Imbituba, cidade do litoral sul de Santa Catarina, com pouco mais de 40 000 habitantes. Ali Jorginho viveu uma infância humilde, sempre grudado a uma bola, de couro, de borracha ou papel. Os primeiros passes precisos foram dados na Escolinha do Peixe, que tinha como dono e treinador Luiz Gonzaga da Silva — ele próprio, o Peixe. Com apenas 4 anos, cabelos bem mais claros do que atualmente, Jorginho alternava seus treinos entre o futebol de campo e o de salão. Foi nas quadras que adquiriu o controle de bola e o raciocínio rápido que o distinguem. "Eu me surpreendi de cara com seu potencial e agilidade", conta Peixe. "Além disso, era muito esforçado, sempre disciplinado, não faltava nunca." No início, Jorginho atuava na ala direita ou como pivô no futsal, e como

sido maravilhoso. Nós nos reerguemos, depois da desclassificação para a Copa de 2018, passamos um longo período de invencibilidade e voltamos a conquistar a Euro. Eu me sinto muito realizado.

Direto ao ponto: você merece a Bola de Ouro? Eu me considero, sim, um candidato. Por causa das conquistas e das atuações na última temporada. Fui campeão dos dois principais torneios da Europa, algo que poucos atletas conseguiram. Claro que tenho características totalmente diferentes das de Messi, Cristiano Ronaldo, Neymar, Mbappé, entre outros. Não tenho os números de gols e assistências deles, e nem haveria de ter, dada a minha posição em campo. Mas estou convicto daquilo que fiz e certeza de ter boas credenciais para concorrer à Bola de Ouro.

A Itália não vence uma Bola de Ouro desde Cannavaro, em 2006, e o Brasil desde Kaká, em 2007. Você pode quebrar esse longo jejum de uma só vez. É muita responsabilidade? Sinceramente, não me coloco essa responsabilidade. Ganhar a Euro com a Itália depois de 53 anos já foi o bastante. *(risos)* Como disse e gostaria de reafirmar: pela temporada e pelos títulos, eu me considero, sim, um candidato à Bola de Ouro. Ninguém ganhou mais títulos do que eu em 2020/2021.

Na sua infância, em Imbituba *(SC)*, quem era o jogador que o inspirava?

meia-atacante e volante no campo. Nunca foi um artilheiro, mas era fã incondicional de Ronaldo Fenômeno, que na época brilhava na Itália pela Inter. A rotina ainda incluía treinos na areia da praia, organizados pela própria mãe de Jorginho, Maria Tereza Freitas, que foi jogadora amadora. Terrenos irregulares, bem distintos dos "tapetes" da elite europeia, portanto, nunca foram problema. "Íamos para a praia jogar bola e ele ficava correndo com pneu amarrado na cintura, subindo morros, tudo sob supervisão da dona Maria", relembra Luiz André, amigo de infância. "Ele já veio com um dom natural, mas contou muito com o apoio da mãe."

Depois, Jorginho passou a treinar na EEB João Guimarães Cabral, escola estadual do bairro Vila Nova. "Ele não jogava só futebol, mas também vôlei e handebol, além de praticar atletismo", lembra o treinador da época, Pedro Ávila, o Pepê. "Ele estudava muito. Era o xodó da turma e do time." Com 9 anos, já era destaque nos Jogos Escolares de Imbituba, competindo com rivais de até 14 anos. "A maior virtude do Jorginho sempre foi a inteligência para enxergar um passe", diz Pepê. Ainda na escola, Jorginho ingressou no projeto da escolinha de futebol de campo do Vila Nova Atlético Clube, agremiação fundada por Luciano Santos, o Mancha, que atualmente trabalha como gestor de futebol, com passagens por Sampaio Corrêa, Remo e Amé-

MARCO LUZZANI/GETTY IMAGES

Meu primeiro ídolo foi o Ronaldo Fenômeno, era o cara que eu parava para ver. Ronaldinho Gaúcho e Kaká também me marcaram muito. Aos 13 anos, quando comecei a jogar no projeto "italiano", fui recuado para atuar como volante. Ali surgiu minha idolatria pelo Pirlo e também pelo Xavi. Via diversos jogos desses dois jogadores para buscar aperfeiçoamento na minha posição.

Quais as diferenças do futebol italiano para o inglês? São escolas totalmente diferentes. Se eu tivesse de destacar um ponto, diria a intensidade do jogo. Sem dúvida, essa parte da Premier League é acima de qualquer outra liga. O espaço para pensar o jogo é curto e o tempo também. As decisões precisam ser tomadas de maneira mais rápida e, na maioria das vezes, com poucos toques na bola. Não tive dificuldade. Consegui me adaptar bem ao estilo de jogo inglês. Claro que tive de ajustar alguns pontos no meu jogo, mas não vejo isso como uma dificuldade, mas sim como amadurecimento.

Muitos jogadores brasileiros que se consagraram diretamente na Europa, como David Luiz, Filipe Luís, Hulk e Diego Costa, têm retornado ao Brasil para viver essa experiência. Imagina tomar o mesmo caminho? Penso muito no presente. Hoje é aqui na Europa e no Chelsea. Sou muito feliz jogando e morando na Europa. Ainda não parei para pensar em, quem sabe um dia, jogar no futebol brasileiro.

CESARE ABBATE/EPA/EFE

FILIPPO VENEZIA/EPA/EFE

O "Magrelo" em três atos: o imenso vexame de ficar fora da Copa de 2018 *(à esq.)*; consagrado na ofensiva equipe do Napoli *(acima)*; e os primeiros anos, cara de garoto e aparelho nos dentes, atuando pelo Hellas Verona

rica-RN. "Era engraçado, o calção batia para baixo do joelho, a camisa era gigante, mas ele não tinha medo de dividir com ninguém", lembra Mancha. Recentemente, o Vila Nova recebeu uma porcentagem da venda do atleta ao Chelsea, em mecanismo de solidariedade estabelecido pela Fifa.

O corpo franzino sempre foi um estorvo, motivo pelo qual o "Magrelo", como é apelidado, foi rejeitado em uma série de peneiras. Jorginho foi levado para testes no Figueirense e no Avaí. Também foi avaliado pelo Internacional em Porto Alegre, mas acabou sendo preterido. Fez testes no São Paulo e no Palmeiras, e também voltou sem contrato. "A avaliação dos observadores costuma se basear muito na força física", relata Mário Junior, um de seus primeiros treinadores. "Eu fiz de tudo para que ele não saísse do país, mas infelizmente não conseguimos encaixá-lo em nenhum clube."

Jorginho seguiu atuando em competições estaduais, até que, em 2005, um projeto em Guabiruba (SC) patrocinado por empresários italianos mudou para sempre sua trajetória pessoal. Ele e mais onze meninos foram chamados por Osnildo Kistner, coordenador da prefeitura e captador na empreitada Guabiruba Calcio. O meia

ÁLBUM DE FAMÍLIA

ÁLBUM DE FAMÍLIA

Um prodígio em qualquer piso: em 1997, na praia, com a mãe e incentivadora, Maria Tereza, ao fundo; e nas quadras dos Jogos Escolares de Imbituba, ao lado de Pepê *(de bigode)*, um de seus primeiros técnicos

chegou a atuar pelo Brusque no estadual sub-15, mas logo retornou para o projeto comandado pelo italiano Mauro Bertachini, que mantinha parcerias com clubes da Europa. Em uma das recomendações, o nome do brasileiro apareceu. De início, Jorginho não conseguiu viajar por causa de sua documentação. Aos 15 anos, enfim, atravessou o Atlântico para atuar na Itália, terra de seu bisavô paterno Giacomo Frello, nascido em Vicenza, comuna no Vêneto, cuja descendência autorizou a cidadania italiana. O início foi por um período de experiência no Hellas Verona, clube tradicional que estava na terceira divisão, em 2007.

Jorginho, tal qual o bisavô ao desembarcar no Porto de Santos, não teve vida fácil nos primeiros momentos. Sem falar nada do idioma de Dante, alojou-se em um monastério de San Bonifacio, próximo a Verona, onde dividia o quarto com outros *ragazzi*. Ele se mantinha com apenas 20 euros semanais (cerca de 50 reais na época), que recebia do empresário que o levou para a Itália. Depois de dois meses treinando, foi aprovado e integrado ao juvenil e, dois anos mais tarde, chegou ao profissional do time da terra de Romeu e Julieta. Foi nesse período que conheceu e se aproximou de outro

Precursor: João Altafini, o Mazzola, campeão pelo Brasil em 1958, pouco antes de defender a Azzurra. "Eu me senti um pouco traidor", contou a PLACAR

DIVULGAÇÃO

brasileiro, o goleiro Rafael Bittencourt, ex-Santos. "No começo, eu nem sabia que ele era brasileiro, até que um diretor comentou. Passei a conversar com ele e, como ele ia da escola para o treino e depois para o convento, comecei a lhe dar carona", diz o arqueiro, atualmente sem clube. Com a proximidade, Rafael descobriu o valor irrisório que Jorginho ganhava do empresário. "Achei um absurdo. Procurei um diretor e ele me disse que não sabia de nada, mas que um novo contrato estava pronto", conta. Nessa época, Jorginho rompeu com seu antigo agente e assinou com João Santos, que trabalhava com Rafael. Na temporada 2010/2011, foi emprestado à Sambonifacese, da quarta divisão. "O time tinha um único torcedor na arquibancada: eu", relembra o empresário, que o acompanha há mais de treze anos.

De volta ao Verona, Jorginho venceu pela versatilidade. "Ele jogava do que precisasse, meia, zagueiro, volante. No fim, o treinador percebeu que ele seria útil", destaca Rafael. Depois das temporadas de 2011 e 2012, de adaptação, Jorginho deslanchou de vez em 2013, quando chamou atenção do espanhol Rafa Benítez, técnico do Napoli, e se transferiu para o sul. Foi, no entanto, sob a batuta de Maurizio Sarri, um napolitano da gema, então com poucas glórias no currículo, que Jorginho virou um maestro, tabelando com o compatriota Allan, com o esloveno Marek Hamsik e o belga Dries Mertens. "Sarri tem uma filosofia de jogo que encaixa muito com meu estilo", diz Jorginho. Quem também se derrete por ele é ninguém menos que Pep Guardiola, que fez de tudo para levá-lo ao Manchester City. Um trato chegou a ser apalavrado, mas a balança acabou pendendo pelo Chelsea, que acabara de contratar justamente Sarri. Mas o esplendor veio sob o comando do alemão Thomas Tuchel, no Chelsea, e de Roberto Mancini, na Azzurra. O italiano, aliás, já fez as vezes de cabo eleitoral. "Para mim, seria estranho se ele não ganhasse a Bola de Ouro neste ano. Jorginho merece, pois ganhou tudo." Em 2021, o ítalo-brasileiro foi de coadjuvante de luxo a uma estrela da bola. De Imbituba para o mundo, numa bonita repetição da vida de seus antepassados, que fizeram as malas para vencer. ■

DISCRIÇÃO VITORIOSA

Morínigo, no Coritiba, e Vojvoda, no Fortaleza, puxam a fila de uma nova linha de treinadores estrangeiros avessos ao estrelismo dos nomões

Klaus Richmond e Luca Castilho

O paraguaio Morínigo: "Não gosto de promessas sem fundamentos"

Com Jorge Jesus, o Míster, que levou o Flamengo ao topo do topo em 2019, e depois com Abel Ferreira, o comandante da nau do Palmeiras nos dourados anos de 2020 e 2021, o Brasil descobriu a competência dos treinadores portugueses, transformados em estrelas reluzentes. Viraram nomões incontornáveis, celebrados como um atacante goleador. Há, contudo, um pelotão estrangeiro de técnicos longe da ribalta que tem ajudado a construir o futebol brasileiro — são discretos, avessos ao estrelismo, mas desenham um dos mais interessantes capítulos do cotidiano dos clubes. A locomotiva desse grupo é o paraguaio Gustavo Morínigo, de apenas 44 anos, que pôs o Coritiba no andar de cima do Brasileirão da Série B. Desconhecido — ele foi indicado por José Carlos Brunoro, executivo contratado pelo clube em janeiro e demitido em maio —, desembarcou no Paraná logo depois da virada de ano, sem pompa nem circunstância, ao contrário. O Coxa andava mal, muito mal. Em fevereiro, ao perder para o Santos, foi rebaixado. Em condições tão precárias, seria improvável deflagrar uma trajetória vitoriosa, mas funcionou. "O Coritiba me apresentou um projeto bem armado e para ser cumprido a largo prazo", disse Morínigo a PLACAR. "Não gosto de promessas sem fundamentos, que não são sérias. Os diretores demonstraram, de fato, que sabiam o que queriam. Demonstraram como? Fizemos um início ruim, com muita pressão, mas eles decidiram manter o trabalho mesmo assim."

Bem-vindo, portanto, à história de um treinador que pegou um time a três passos da queda, resistiu brava e valentemente e agora voltou ao pelotão de elite. E Morínigo, com acento agudo no primeiro "i", agora pode ser chamado com a pronúncia correta. Na apresentação do contratado, o então presidente Renato Follador Júnior, que morreria em decorrência de Covid-19 em julho, o anunciou como "Morinígo", com força no segundo "i". Não houve nada de grave, é evidente, na entonação equivocada — mas ela ajuda a demonstrar como o paraguaio despontou do quase anonimato, sem lenço nem documento, no avesso do ruído provocado pela turma importada de Portugal. "Nosso projeto é de longo prazo", repetia Follador Júnior, sempre que indagado sobre o que faria se as vitórias não aparecessem. Na campanha que resultou no descenso, em 2020 e início de 2021, o Coritiba tinha enfileirado seis — seis! — técnicos.

O treinador paraguaio, vale dizer, nem era desconhecido em seu país. Em 2014, conseguiu uma proeza, ao conduzir o modesto Nacional de Assunção à decisão da Libertadores. Na ocasião, acabou derrotado pelo San Lorenzo, na Argentina. Ele havia sido eleito por três vezes o melhor treinador do Paraguai, entre 2012 e 2014,

INSTAGRAM @CORITIBA

SAMUEL ANDRADE

O argentino Vojvoda no tricolor do Pici: "Não senti medo da cultura de demissões"

além de ter comandado tradicionais equipes, como o Cerro Porteño, o Libertad e, em breve período, a seleção guarani. Na curta carreira, ocupou a função de dirigente quando aceitou assumir a coordenação das categorias de base da Associação Paraguaia de Futebol (APF), em que foi responsável direto por projetos respeitados. O principal deles foi a criação de uma copa local, semelhante à Copa do Brasil. A Copa Paraguay foi implementada em 2018. "Colaborei também com um projeto para que adequassem as regras, dimensões e vários aspectos do jogo para um melhor desenvolvimento das crianças no futebol", lembra. "Senti necessidade de fazer isso, de devolver algo ao futebol." O perfil modesto, de quem prefere sempre falar a gritar, calmo e diligente, é que entusiasmou o Coritiba. A aposta numa figura menos badalada parecia ser o único remédio para a mudança de humores no Couto Pereira. Foi uma bela sacada, discreta e certeira.

A discrição talvez seja, realmente, atalho para o bom desempenho. Nesse aspecto, de mãos dadas com a trajetória de Morínigo no Paraná, convém lembrar do argentino Juan Pablo Vojvoda no comando do Fortaleza. Vojvoda, assim como Morínigo, era personagem modesto em um mercado que repete continuamente os mesmos rostos e parece ainda andar em círculos. Tivera uma carreira modesta como jogador. Começou como zagueiro do Newell's Old Boys e atuou em equipes periféricas, como o Cultural Leonesa, da terceira divisão da Espanha, e o Tiro Federal, de Rosário, na Argentina. Como técnico, teve campanhas de meio de tabela

António Oliveira, lusitano, ex-Athletico-PR: saída por "decisão própria"

ANDRÉ PALMA RIBEIRO/AVAÍ

Matthäus no Athletico-PR, em 2006, e Passarella *(à dir.)*, no Corinthians, em 2005: fracassos ruidosos

JADER DA ROCHA

RENATO PIZZUTTO

com o Defensa y Justicia e o Talleres, além de rápida passagem pelo Huracán, de onde foi demitido com apenas sete jogos. Antes de chegar ao Fortaleza, estava no Unión la Calera, do Chile. Mas chamou atenção do diretor de futebol do Fortaleza, Alex Santiago, pelo modelo de jogo ofensivo. Começou sendo severamente indagado, mas provou em campo suas qualidades. Levou o tricolor do Pici à semifinal da Copa do Brasil e, muito provavelmente, ficará com uma das vagas diretas para a fase de grupos da Libertadores. "Muita gente se diz surpresa, mas sabíamos exatamente quem era Vojvoda e o que estávamos fazendo", diz o presidente da agremiação, Marcelo Paz. "Acho que o futebol brasileiro nos últimos anos se abriu mais ao conhecimento que vem de fora." Em entrevista à PLACAR, em setembro, Vojvoda revelou suas sensações ao ser chamado. "Não senti medo da cultura de demissões no Brasil, não. Ao contrário", disse. "Me encantava vir trabalhar no Brasil. E, quando ouvi Fortaleza, quis aplicar minha ideia ao time, agregar meu estilo, minha agressividade."

Morínigo e Vojvoda, é natural, logo serão cobiçados por outros clubes — e perderão o charme do desconhecimento que os pôs no bom caminho. Riscos de demissão, depois de derrotas, sempre existirão — assim é no Brasil, infelizmente. Como exceções que confirmam a regra, a de treinadores estrangeiros "econômicos" que funcionam, convém lembrar a travessia do português Daniel Neri, 42 anos, campeão pernambucano pelo Salgueiro, em 2020, e a de seu conterrâneo António Oliveira, 39 anos, do Athletico Paranaense. Ambos já deixaram as equipes. Neri fez história ao quebrar a hegemonia de Náutico, Santa Cruz e Sport. Depois do Salgueiro, passou pelo Sampaio Corrêa, na B, e pelo América de Natal, na D. Está sem clube. Mas deixou legado no Salgueiro. "Ele ajudou no processo de conscientização sobre investimentos em materiais para treinamentos, mudou refeições e logística de viagens, antecipadas para partidas fora de casa. "Absorvemos esse tipo de mentalidade", diz o presidente salgueirense, José Guilherme da Luz. Já Oliveira, no Athletico, chegou ao país como um dos auxiliares de Jesualdo Ferreira, em 2020, no Santos. Em outubro, pouco após a saída do mentor, rumou para a capital paranaense. Meses depois seria a aposta do clube para substituir Paulo Autuori na função de treinador principal, em março deste ano. Permaneceu seis meses no cargo, chegou a liderar o Campeonato Brasileiro e montou a base da equipe finalista da Copa do Brasil e da Sul-Americana. A saída, ele disse em comunicado, foi encerrada por decisão própria. O Athletico culpou o "calendário agressivo" para o fim do casamento. Outros casamentos podem terminar, mas a turma de treinadores que trabalha sem estardalhaço merece aplausos. Que sejam reservados, para não chamar muita atenção e estragar a brincadeira. Que Morínigo e Vojvoda trabalhem em paz. Assim, no silêncio possível, tendem a ir melhor do que famosos como Daniel Passarella e Lothar Matthäus. O argentino fracassou no Corinthians, com apenas quinze jogos em 2005. O alemão chegou até a cronometrar o horário de almoço dos jogadores do Athletico-PR em 2006, incomodado com um estilo de vida que desconhecia e com o qual não soube como lidar. Não demorou e foi posto para fora. ■

O português Daniel Neri, ex-Salgueiro: fim do domínio dos grandes pernambucanos

UMA VOZ TÃO CALADA

A volta do público aos estádios, com a pandemia controlada, deve ser celebrada. A presença da torcida, contudo, nem sempre é sinônimo de apoio e muitas vezes pode acabar em cenas estúpidas

Guilherme Azevedo
e Fábio Altman

O tempo, compositor de destinos, é sempre um roteirista imprevisível. O que dizer, então, do que houve em Itaquera, na véspera de Finados, com o retorno de 100% de torcida nas arquibancadas, com 40 000 ingressos vendidos, depois de um ano e sete meses de ausência? O Corinthians, na briga por uma vaga na Libertadores, enfrentava o lanterninha, a brava Chapecoense. O confronto tinha tudo para ser razoavelmente tranquilo, com o grito aberto do bando de loucos. Mas não. Foi preciso um ano, sete meses e 97 minutos — 97!, sete além do tempo regulamentar — para que enfim saísse o gol salvador de Róger Guedes, 1 a 0 no placar. Não houve tempo nem mesmo de o juiz levar a bola para o círculo central. Foi bonito o desenho da história: se foi preciso esperar tanto tempo para retomar alguma normalidade, que tal acrescentar uma dose de emoção empurrando o desfecho para o derradeiro átimo de se-

ALEXANDRE VIDAL/FLAMENGO

A torcida do Flamengo *(acima)* e o criticado Renato Gaúcho: vaias contra o finalista da Libertadores

GILVAN DE SOUZA/FLAMENGO

gundo? Agora, sim, é possível dizer que os fiéis de todo o país começam a lembrar de como era a vida antes da pandemia. A vacinação em dupla dose é obrigatória, ou apenas uma, mas com um teste negativo para Covid-19. A máscara, compulsória — embora ela tenha sido vista mais nos queixos e nos bolsos do que nos rostos, em postura irresponsável.

Mas os estádios vibram novamente, e não há dúvida: o futebol dentro de campo, já sem o silêncio incômodo, também será outro. O Corinthians é um ótimo exemplo desse efeito: em onze jogos sem torcida na Neo Química Arena, o

Luiz Adriano: pedido de silêncio para a torcida alviverde no Allianz recebeu advertência da diretoria

RICARDO MOREIRA/ZIMEL PRESS/GAZETA PRESS

Itaquera na véspera de Finados: 40 000 pessoas (boa parte sem máscara) em um enredo afeito a celebrar a retomada

aproveitamento foi de três vitórias, quatro empates e quatro derrotas. Nas quatro primeiras partidas com público (duas com capacidade pela metade e duas com venda total), o desempenho foi de 100%, com quatro vitórias difíceis. "Foi uma sensação incrível", disse Leonardo Vertullo Bellim, de 13 anos, que esteve em Itaquera. "Fiquei 600 dias esperando esse momento, foi de arrepiar, foi emocionante, nunca mais vou esquecer".

Dá para dizer que, como sempre mandou o figurino, a casa lotada faz diferença? Sim, mas é preciso um pouco de cautela. Nem sempre a estatística é tão ruidosa. No Brasileirão de 2018, os mandantes venceram 53% dos jogos. Em 2019, 48%. Em 2020, com a pandemia e no eco das arquibancadas, a taxa caiu para 45%. Desceu ainda mais, até chegar a 40% em 2021. Depois de 2 de outubro, com portões parcial ou totalmente abertos, voltou a subir e chegou em 46% de conquistas dos donos da casa. Ou seja: faz diferença, sim. Ressalve-se, contudo, para que a história não seja contada apenas pela metade, que o público ajuda quando tudo anda bem — mas pode representar um estorvo nos momentos em que o caldo desanda, e foi assim desde sempre, para qualquer time. Tome-se como exemplo a chuva de copos de plástico e de xingamentos arremessados contra o treinador Renato Gaúcho na derrota acachapante por 3 a 0 do Flamengo para o Athletico-PR em pleno Maracanã, no segundo jogo da semifinal da Copa do Brasil. Pouco importa se o rubronegro disputa a ponta do Brasileirão e está na final da Libertadores, contra o Palmeiras. Se a torcida pode ir ao estádio, os torcedores se acham no direito de reclamar — o que é verdade, sem dúvida, desde que não haja exagero.

É inaceitável o que aconteceu na Arena do Grêmio, na partida contra o Palmeiras — derrota por 3 a 1, de virada. Um grupo de tri-

JOSÉ MANUEL IDALGO/AG. CORINTHIANS

colores se achou no direito de invadir o campo depois do apito final para avançar na direção dos jogadores e chutar o VAR — como se o VAR, ao confirmar um pênalti palmeirense e determinar um impedimento do ataque gremista, tivesse sido responsável pela derrota. Não foi. Em estádios vazios, é claro, a tela do VAR ainda estaria ali, firme, segura — mas foi criminosamente destruída.

Não se trata de sugerir que os torcedores sejam proibidos de frequentar estádios, mas a pandemia de agressividade não pode entrar na avenida como se nada houvesse. Na Inglaterra dos anos 1990, depois de episódios de pancadaria e mortes, alguns malucos foram presos e barrados para sempre, atalho para melhorar o ambiente, numa espetacular e bem-sucedida reforma esportiva. Convém, porém, lembrar que os próprios jogadores também mudam de comportamento, pressionados, quando as arquibancadas lotam. No vazio, no máximo podem fazer caretas para as câmaras de televisão. "A torcida tomou conta", celebrou o corintiano Róger Guedes, que, a rigor, transformou vaias, que despontavam, em aplausos porque pôs a bola na rede quando já parecia impossível. Eis a graça do futebol. Luiz Adriano, artilheiro do Palmeiras na franja de sua segunda final consecutiva da Libertadores, marcou contra o Sport, na virada por 2 a 1 e fez sinal de silêncio para a torcida no Allianz Parque, que recentemente implicava com o goleador. Ele foi advertido pela diretoria por causa da provocação. "Acabei explodindo", disse.

Enfim: é uma alegria ter gente nos estádios, até porque ela indica que a força da pandemia diminuiu, com a vacinação em massa, apesar do negacionismo do governo de Jair Bolsonaro — mas é uma tristeza quando o horror toma o lugar da paixão e as explosões ocorrem ao pé da letra. Não é o que queremos, nunca. ■

E O BRAGABULL GANHOU ASAS

Impulsionada pela empresa que a rebatizou, a equipe de Bragança Paulista retomou o protagonismo nacional e, de quebra, chegou à final da Sul-Americana, acelerando o sucesso do projeto de clube-empresa

Luiz Felipe Castro

De olho no topo: o Bragantino quer ir além das fronteiras do interior

Nas arquibancadas do Nabi Abi Chedid, em Bragança Paulista (SP), camisas antigas com formas geométricas em preto, branco e cinza — o modelo "carijó" que marcou época na década de 90 — se misturam com as novas, em tons de vermelho e com grandes touros em destaque. Nos bares, o tradicional sanduíche de linguiça, patrimônio local, agora vem acompanhado de uma latinha de energético. Os torcedores, que puderam retornar ao estádio após longos meses de ausência por causa da pandemia de Covid-19, não têm do que reclamar. O Red Bull Bragantino recolocou a cidade, que fica a 80 quilômetros da capital, na elite do futebol brasileiro e, respaldado pelo projeto da empresa austríaca de bebidas, alça voos ainda maiores: no próximo dia 20, o clube disputará sua primeira final continental, a da Copa Sul-Americana, com o Athletico Paranaense, em Montevidéu, Uruguai.

Ao longo da campanha, o time dirigido pelo jovem treinador Mauricio Barbieri, de 40 anos, encarou uma dura sequência com "cara de Libertadores". Na primeira fase, superou Emelec (Equador), Tolima (Colômbia) e Talleres (Argentina). Em seguida, nos mata-matas, despachou Independiente del Valle (Equador), Rosario Central (Argentina) e Libertad (Paraguai), todos times com tradição no continente. O sonho de estrear na Liberta, portanto, está bem próximo, seja com o título da Sula, seja via Brasileirão — o time seguia no G4 faltando menos de dez rodadas para o final. "Os resultados estão acelerando os planos. A expectativa vai aumentando e nós, como gestores, temos de acompanhar esse processo", admite Thiago Scuro, 40 anos, CEO do projeto desde o início da fusão, em 2019. "Nosso objetivo é fazer um Red Bull Bragantino forte, competitivo, com

A METAMORFOSE BRAGANTINA

O clube, fundado em 1928, ganhou notoriedade na década de 90 e retornou à elite, de nome, escudo e até cor renovada, a partir de 2020

	ANTES	DEPOIS
NOME	Clube Atlético Bragantino	Red Bull Bragantino
APELIDO	Massa Bruta	Bragabull
CORES	Branco e preto	Branco, preto e vermelho
CAMPANHAS DE DESTAQUE	Campeão paulista de 1990, da Série B de 1989 e vice-campeão brasileiro em 1991	Campeão da Série B de 2019 (ainda sem Red Bull no nome, mas já com aporte da empresa) e finalista da Copa Sul-Americana
ÍDOLOS	**Mauro Silva,** Gil Baiano, Vanderlei Luxemburgo, Carlos Alberto Parreira, Paulinho e Felipe	**Artur,** Julio Cesar, Claudinho e Ytalo

FOTOS NELSON COELHO; ARI FERREIRA/RED BULL BRAGANTINO

O "Bragantino alemão": em 2020, o RB Leipzig só parou na semifinal da Champions, diante do PSG de Neymar e Mbappé

JULIAN FINNEY/UEFA/GETTY IMAGES

uma boa relação com a comunidade, formando uma equipe de sucesso para a marca no Brasil."

Em 2020, o clube estava de volta à Série A após 22 anos de ausência. O investimento alto (200 milhões de reais) foi suficiente para sobreviver à pandemia e a um início de campeonato turbulento — conviveu a maior parte da temporada com o fantasma do rebaixamento, até terminar em décimo lugar. "Já esperávamos uma transição difícil. Passamos por um período sem resultados, o modelo foi criticado, mas mantivemos a estabilidade no ambiente e a confiança no plano", diz Scuro, que tem contrato até o fim de 2023. Em 2021, com a pandemia ainda batendo à porta, o clube investiu um pouco menos, aproximadamente 115 milhões de reais, em reforços. O principal foi Praxedes, 19 anos, ex-Inter, comprado por 6 milhões de euros (cerca de 37,4 milhões de reais). O time conta também com cinco estrangeiros, incluindo o volante uruguaio Emiliano Martínez, 22 anos, ex-Nacional, e o argentino Tomás Cuello, 21, ex-Atlético Tucumán.

O projeto de clube-empresa segue o modelo do de outros países em que a empresa atua, inclusive nas contestações. Por aqui, a maior crítica é a de ter "furado a fila". A participação no país começou via Red Bull Brasil, em 2007. O time, fundado em Jarinu, estreou na quarta divisão paulista. Em 2019, chegou às quartas de final do Paulistão, o que valeu o título de campeão do interior. Após a conquista, veio a fusão: os destaques da equipe se "transferiram" para Bragança e o RB Brasil foi relegado a um papel secundário, uma espécie de equipe B, focada na formação de atletas. Na época, o Bragantino sofria para pagar as contas e manter-se na segunda divisão nacional, enquanto os dirigentes não escondiam a frustração pelo RBB não conseguir sair da Série D do Brasileirão.

A ideia de unir forças veio a calhar para ambos os lados e partiu do próprio Bragantino. O presidente, Marquinho Chedid, ligou para Thiago Scuro propondo o negócio. "Resolvemos tudo num almoço de duas horas. Eles fizeram duas ou três exigências, eu também, e fechamos um acordo", lembra o cartola. Empresário e ex-deputado federal de 63 anos, Marquinho é filho de Nabi Abi Chedid (1932-2006), o controverso dirigente que chegou a ser vice-presidente da CBF e comandou o Massa Bruta em seus tempos de glória, na conquista do Paulistão de 1990 e do vice-campeonato do Brasileirão de 1991, com Vanderlei Luxemburgo e Carlos Alberto Parrei-

Os surpreendentes campeões paulistas em 1990: o jogador Nei, o presidente Nabi Abi Chedid e o técnico Vanderlei Luxemburgo

ra no comando. Uma das exigências feitas à Red Bull foi manter o estádio com o nome do pai. "Horas antes de partir, ele me fez um único pedido: não deixe o Bragantino morrer", contou Marquinho, que virou presidente de honra e comanda compromissos institucionais, como a relação com federações, torcedores e imprensa, enquanto os gestores têm total autonomia para tocar o futebol.

O título da Sul-Americana, se vier, renderá 4 milhões de dólares e entrará para o hall de façanhas da Red Bull no esporte. A empresa austríaca sustenta, desde 2005, duas equipes na Fórmula 1: a RBR e a AlphaTauri (antiga Toro Rosso). A primeira já tem quatro títulos de construtores e outros quatro de pilotos — o holandês Max Verstappen está na briga pelo penta neste ano. No futebol, o Red Bull Salzburg, na Áustria, foi o primeiro case de sucesso. O time fundado em 1933 foi comprado em 2005 e logo se tornou uma potência, com quinze títulos nacionais, incluindo os sete últimos de forma consecutiva. A equipe de Nova York ainda não conseguiu conquistar a MLS, mas reforçou a presença da marca nos EUA, com nomes como Thierry Henry e Juninho Pernambucano no elenco. E o maior feito é mesmo o do RB Leipzig. Antes conhecido como SSV Markranstädt, começou a parceria em 2009, na quinta divisão da Alemanha. Alcançou a Bundesliga em 2016 e apenas quatro anos depois estava na semifinal da Liga dos Campeões (caiu diante do PSG de Neymar e Mbappé).

No Brasil, o Bragabull segue o padrão estabelecido pelos executivos da marca: ter uma equipe ofensiva, focada na formação ou evolução de garotos, sempre tentando disputar títulos. "Nosso grande legado é mostrar que é possível ser vencedor com jovens jogadores e jogando para ganhar", diz Scuro. Do Salzbug, saíram estrelas como Erling Haaland, hoje no Borussia Dortmund, e Sadio Mané, atualmente no Liverpool. Aqui, o time consagrou Claudinho, craque e artilheiro do Brasileirão 2020, um talento desperdiçado por Santos e Corinthians e que após o título olímpico pela seleção, em Tóquio, trocou Bragança pelo Zenit, de São Petersburgo, por 15 milhões de euros. A bola da vez é Artur, 23 anos, vice-artilheiro da Sul-Americana, com sete gols. Revelado pelo Palmeiras, ele se diz plenamente adaptado ao clube e, assim como Claudinho, recebeu oportunidades na seleção principal. "Quando me falaram sobre o projeto, abracei na hora. Tudo o que nos proporcionam em organização e estrutura é encantador."

Da filial de Leipzig, o time trouxe o lateral Luan Cândido, 20 anos, um dos salários mais altos

ARI FERREIRA/RED BULL BRAGANTINO

O CEO Thiago Scurdo, com mandato até 2023: "Nosso legado é mostrar que é possível ser vencedor com jovens e jogando para ganhar"

da casa (acima de 500 000 reais mensais). Os executivos garantem que o intercâmbio de informações é constante. "A parceria não se resume à compra e venda de atletas. Há uma troca em várias áreas, como medicina esportiva, fisiologia, metodologia de treino, marketing, comercial e gestão", explica Scuro. As contas estão saneadas, os salários nunca atrasam (sem dúvida, um diferencial no país) e os investimentos seguem firmes. No mês passado, foi iniciada a construção de um novo CT, em uma área total de 157 000 metros quadrados em Atibaia (SP), com inauguração prevista para dezembro de 2023. O local terá oito campos, um miniestádio para os jogos da base e alojamento para todas as categorias, do sub-14 ao profissional. Formar os próprios atletas (e lucrar nas negociações) será a prioridade. O elenco atual tem média de idade de 24 anos, a mais baixa do Brasileirão, mas a imensa maioria dos atletas veio de outros clubes. O Bragantino também planeja completar as reformas no "Nabizão" e transformá-lo numa arena multiúso referência na região, aumentando a capacidade de 17 000 para 20 000 torcedores, o mínimo exigido pela Conmebol para jogos decisivos de campeonatos internacionais.

As mudanças na identidade visual vêm sendo feitas de forma gradual. Primeiro, entraram os touros na camisa. Depois, mudou o nome, daí o escudo. Finalmente, em 2021, o clube assumiu o vermelho com uma de suas cores principais (o uniforme titular tem camisa branca e calção colorado, mas em algumas partidas o time jogou inteiramente com a nova cor). "No início houve alguma reação negativa, mas fomos transparentes e explicamos que isso faz parte do projeto global que nos possibilitou chegar aonde estamos", diz Scuro. Marquinho Chedid é ainda mais direto: "Torcedor gosta mesmo é de ver o time ganhar". Um dos grandes ídolos do clube, o ex-volante Mauro Silva, hoje vice-presidente da federação paulista, endossa o projeto. "Ver o Bragantino numa grande decisão me traz lindas recordações. Fico feliz em ver a equipe que me projetou para o Brasil e o mundo chegar a uma final continental. Sem dúvida, Bragança só tem motivos para estar em festa." O objetivo de se tornar o "quinto grande de São Paulo" ou ao menos ocupar de forma mais regular o espaço que um dia já foi de outras equipes do interior, como os campineiros Guarani e Ponte Preta, segue em marcha. "Queremos consolidar uma base de torcedores locais e angariar simpatizantes ou admiradores de todo o país", sonha o CEO. Como diz o slogan da Red Bull, é hora de ganhar asas e levantar voo. ■

O gênio argentino esparramado: humildade ou humilhação?

O RIDÍCULO SEM BARREIRA

A cena de Messi deitado no chão, atrás dos parceiros do PSG, foi constrangedora e ajudou a iluminar uma questão: por que os gols de falta perderam o protagonismo que tinham no passado?

Guilherme Azevedo

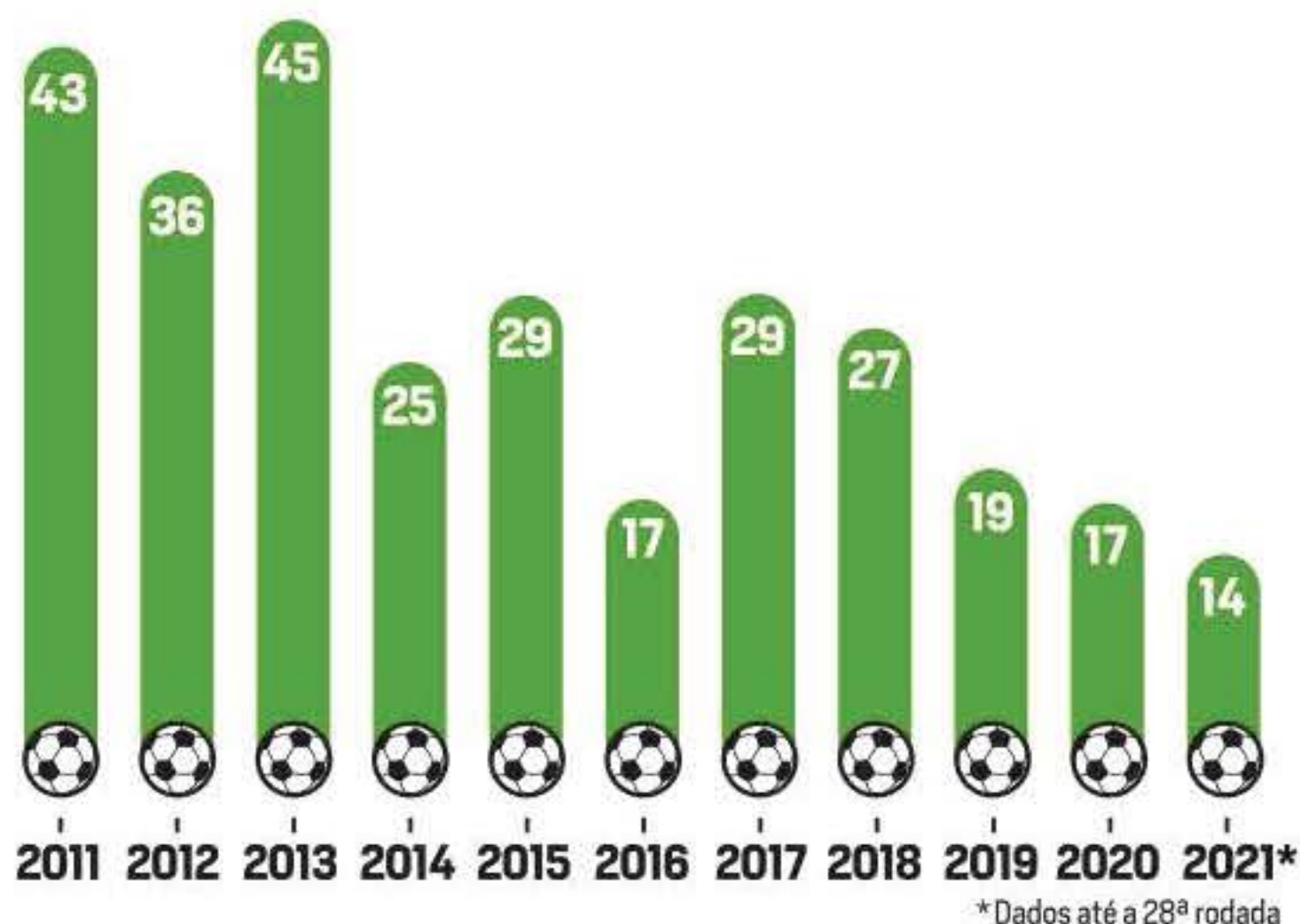
Um grande burburinho tomou conta do Parque dos Príncipes quando Riyad Mahrez, do Manchester City, se encaminhava para bater uma falta contra o Paris Saint-Germain na segunda rodada da fase de grupos da Liga dos Campeões, no último dia 28 de setembro. Para espanto geral, Lionel Messi, dono de seis Bolas de Ouro, mais de 700 gols na carreira e salário equivalente a mais de 200 milhões de reais por ano, atendeu a um pedido do zagueiro Marquinhos e deitou-se no gramado, atrás da barreira, para evitar uma possível — e raríssima — cobrança rasteira, naquele momento em que todos saltam para tentar desviar o chute do adversário.

A bola veio por cima, o goleiro defendeu e a jogada não deu em nada. A cena, contudo, rodou o mundo. Houve quem considerasse um gesto de humildade do astro argentino recém-chegado à França. Outros viram desrespeito a um dos maiores gênios da história do esporte. O que chamou atenção foi o atleta escolhido para a missão subalterna, não o expediente em si, cada vez mais comum. Ficam,

ONDE FORAM PARAR OS BATEDORES?

Uma década atrás, o Campeonato Brasileiro registrava mais que o dobro de gols de falta do que nos últimos anos

Gols de falta por edição do Brasileirão

*Dados até a 28ª rodada

porém, algumas dúvidas e reflexões: quando essa moda começou? Quantos gols por baixo da barreira já vimos? E o mais relevante: por que as belas cobranças na gaveta são hoje cada vez mais raras?

Gols furando a barreira já foram vistos aos montes, alguns com extrema graça (e potência), como os tiros de Pelé contra a Romênia, na Copa de 1970, e de Rivellino diante da Alemanha Oriental em 1974, ambos com a bola passando exatamente pelo vão deixado por atletas brasileiros. É difícil precisar quem foi o primeiro a buscar a brecha rente ao gramado intencionalmente.

Em 2002, Rogério Ceni surpreendeu Marcos com um chute rasteiro, em um clássico entre São Paulo e Palmeiras no Morumbi. Os lances mais icônicos foram certamente os de um velho amigo de

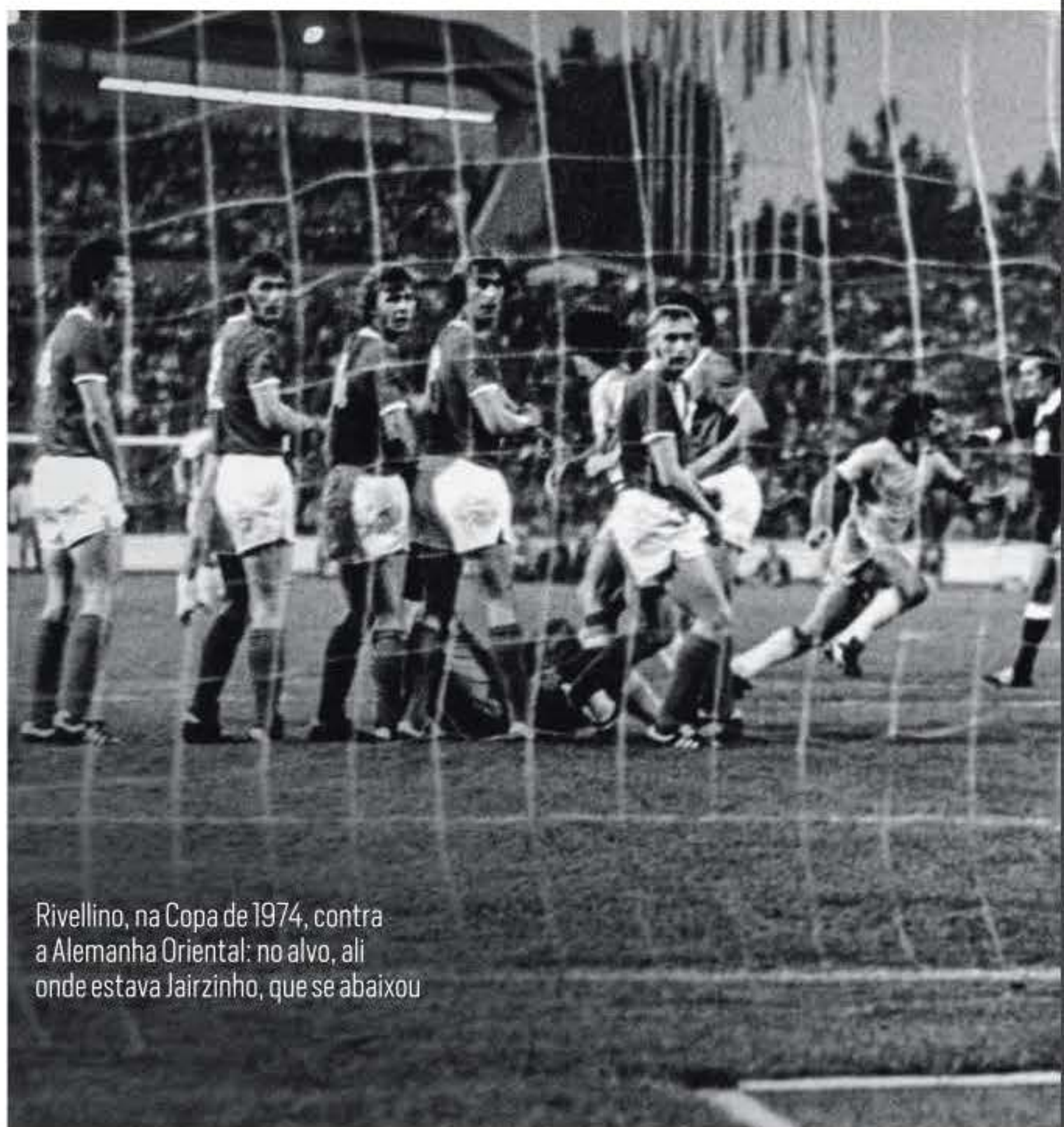
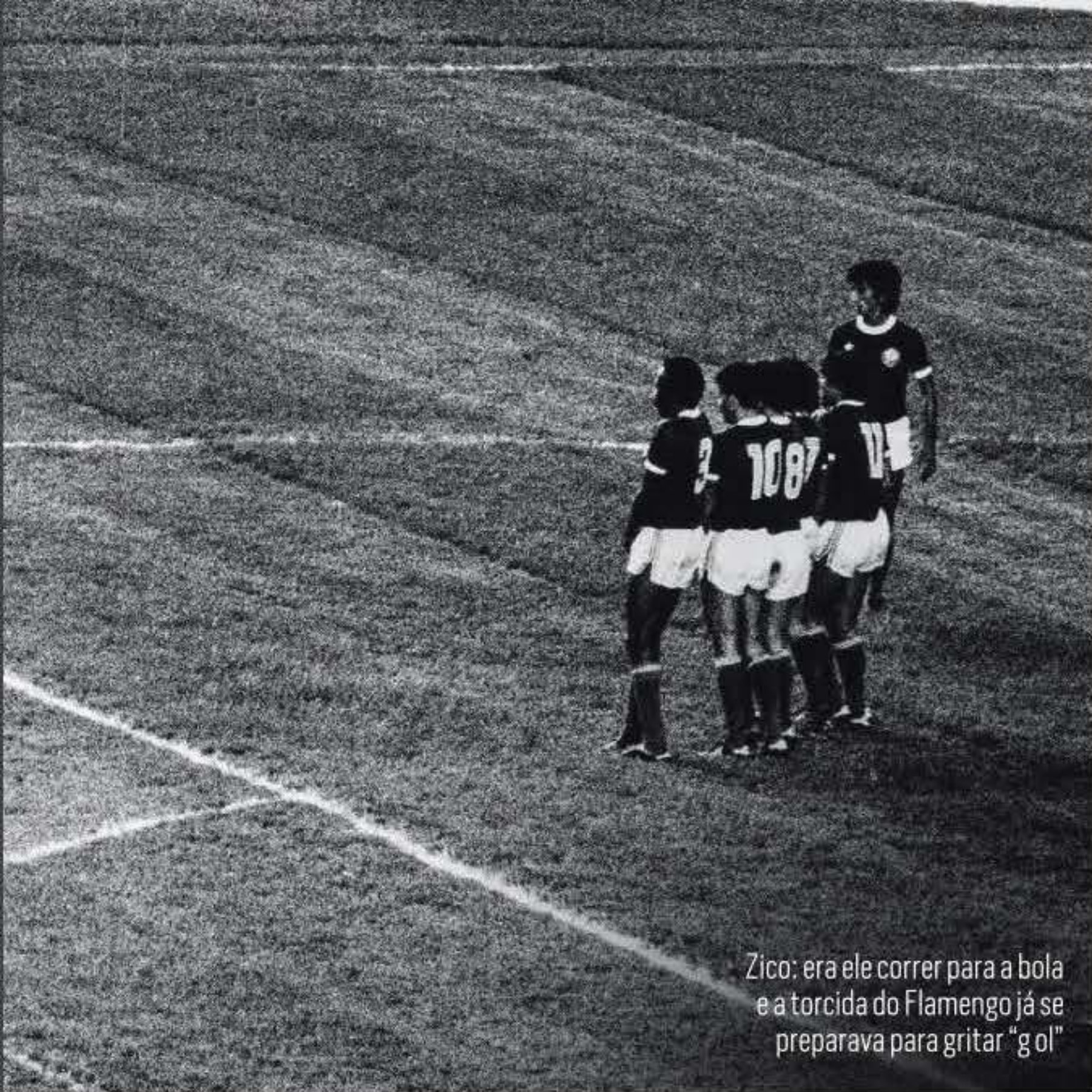
YOAN VALAT/EPA/EFE

REPRODUÇÃO

Ronaldinho Gaúcho e o golaço contra o Santos na Vila Belmiro em 2011: os de branco subiram e ele pôs a bola rente ao gramado

Messi, Ronaldinho Gaúcho. A primeira bruxaria ocorreu pelo Barcelona contra o Werder Bremen, na Champions de 2007. Pelo Flamengo, R10 repetiu a dose no histórico triunfo por 5 a 4 sobre o Santos de Neymar no Brasileirão de 2011, na Vila Belmiro. O próprio Messi mostrou ter aprendido bem com o mestre e já marcou dessa maneira contra o Uruguai nas Eliminatórias para a Copa do Mundo de 2014.

A falta batida por baixo é, portanto, um recurso relativamente recente. O antídoto, o jogador no solo, brotou em seguida. Nunca saberemos quantos gols foram evitados por homens deitados, mas se pode intuir que o recurso inibe os chutadores. É um gesto bizarro, um tanto ridículo, mas faz sentido. O fato é que está faltando precisão, talento ou treino para os cobradores de hoje. Não é o caso de Messi, claro, autor de 58 gols em tiros livres na carreira. No Brasil, essa sempre foi uma arma letal. Nós nos acostumamos a ter grandes artilheiros de bola parada. Como esquecer a elegância de Zico, Neto, Marcelinho Carioca e Juninho Pernambucano, entre tantos outros? Contudo, já não é mais assim: saem bem menos gols de falta por aqui nos tempos atuais.

Nos últimos dez anos de Brasileirão, alguns dados chamam atenção: na edição de 2011, foram marcados 43 gols dessa forma. Naquele ano, Ronaldinho Gaúcho, Marcos Assunção, Rogério Ceni e Renato Abreu estavam em ação. Desde 2014 não passam de trinta por temporada. Nos últimos dois anos, nem sequer chegaram a vinte, e a tendência para 2021 é a mesma. Até a seleção brasileira não escapa da maldição: apenas dois gols de falta foram marcados pela amarelinha nos últimos sete anos: o de David Luiz contra a Colômbia, na Copa de 2014, e o de Philippe Coutinho contra a Coreia do

Rivellino, na Copa de 1974, contra a Alemanha Oriental: no alvo, ali onde estava Jairzinho, que se abaixou

Zico: era ele correr para a bola e a torcida do Flamengo já se preparava para gritar "g ol"

ADALBERTO DINIZ

HEIDTMANN/PA/GETTY IMAGES

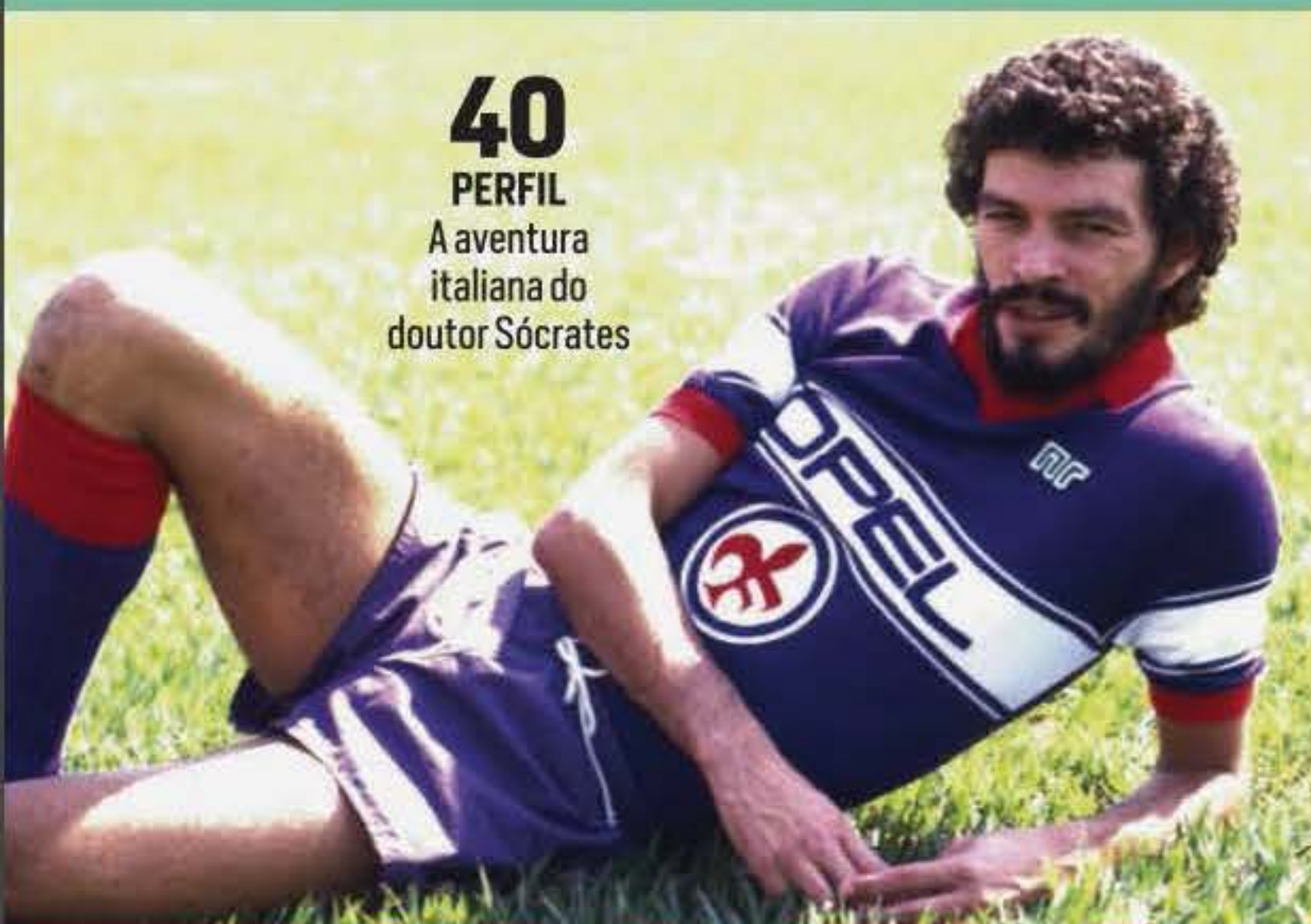
Sul, em amistoso disputado em 2019. Nem mesmo Neymar, um dos nossos poucos bons batedores em atividade, tem conseguido acordar a coruja — a exceção é a bela cobrança contra a Alemanha, na final da Rio-2016, que não entra nas estatísticas oficiais por se tratar do torneio olímpico.

Em campo, a meta segue tendo o mesmo tamanho de sempre (7,32 metros de largura por 2,44 metros de altura). Como explicar tal escassez, então? Entre as principais teses estão a evolução dos goleiros, mais altos e ágeis, que pegam cada vez mais pênaltis e faltas, e também a facilidade de saber como cada atleta bate. O fator crucial, porém, parece ser mesmo a falta de repetição. "Antigamente, a gente treinava muito", resume Marcos Assunção, que marcou mais de setenta gols de falta. "Terminava o treino e brigávamos com o treinador para seguir chutando. Eu mesmo fazia de sessenta a oitenta tentativas na sexta-feira e de trinta a quarenta no sábado, pensando numa única chance que, talvez, aparecesse durante o jogo de domingo." Segundo ele, a ambição também ajudava nessa hora. "A bola parada é a hora em que o estádio inteiro está te olhando." É isso. Há poucas cenas tão belas no futebol como um gol de falta — de preferência, linda e caprichosamente, a bola fazendo uma curva mágica por cima da barreira, *à la* Messi. Em tempo: em 31 de outubro, às vésperas do fechamento desta edição, Ibrahimovic calou o Estádio Olímpico ao abrir o placar para o Milan contra a Roma com uma cobrança de falta brilhante. A bola estava próximo à linha da grande área e, claro, havia um romanista no chão, atrás da barreira. Pois o atacante sueco bateu a bola quase rasteira, por baixo dos jogadores que saltavam e rente à cabeça do atleta deitado, pegando o goleiro no contrapé. ■

PRORROGAÇÃO

CULTURA, MEMÓRIA & IDEIAS

SERGIO BEREZOVSKY

40
PERFIL
A aventura italiana do doutor Sócrates

58
UM LANCE INESQUECÍVEL
E no meio do caminho havia Rummenigge...

60
UM GRANDE TIME
O apaixonante Atlético-MG montado por Telê em 1971

62
ENTORTA-VARAL
Os roupeiros não deixam nada sair de linha

VITOR SILVA/BOTAFOGO

Zé Barbosa: o carinho de uma estrela solitária

REPRODUÇÃO

48
CULTURA
All You Need Is Love ou o tímido amor dos Beatles pelo futebol

52
GRANDE REPORTAGEM
Um enigma chamado Cláudio Coutinho, o treinador "campeão moral"

BOB THOMAS/GETTY IMAGES

Muito antes de Tite: ele falava difícil e pensava longe

64
A HISTÓRIA DE UMA FOTO
Pelé e Neymar, o encontro nos 40 anos de PLACAR

ALEXANDRE BATTIBUGLI

Ontem e hoje: um raro encontro alvinegro praiano

“SOU GENTE, NÃO UMA MERCADORIA”

Amargurado com a derrota das Diretas Já, em 1984, **Sócrates** precisou de apenas vinte minutos para aceitar um contrato com a Fiorentina. Mas a demora para os acertos financeiros o fez até chorar. A passagem italiana do doutor é um dos capítulos mais interessantes da biografia escrita por um jornalista escocês

Sócrates Brasileiro Sampaio de Souza Vieira de Oliveira (1954-2011) foi um incontestável craque de bola e também um dos mais fascinantes personagens da história do futebol. A fama de *gauche* na vida o seguiu para além das fronteiras brasileiras. O jornalista escocês Andrew Downie foi quem mergulhou mais a fundo na personalidade do ex-jogador nascido em Belém (PA). Em *Doutor Sócrates — A Biografia*, lançado em 2017 e que apenas agora ganha edição em português, pela Editora Grande Área, Downie passeia por detalhes do cotidiano do atacante criado em Ribeirão Preto (SP), ídolo do Corinthians e da seleção brasileira. Além de episódios mais conhecidos, como a derrota na Copa de 1982, sua participação na Democracia Corintiana ou o gosto pela bebida, que o mataria cedo demais, aos 57 anos, o livro detalha a turbulenta passagem de Sócrates pela Fiorentina, da Itália, entre 1984 e 1985. PLACAR publica com exclusividade, a seguir, trechos da aventura italiana do doutor.

O presidente da Fiorentina, Ranieri Pontello, assistiu à Copa do Mundo de 1982 com prazer indisfarçado e, quando o torneio acabou, fez uma lista de jogadores que queria levar para o clube toscano. O primeiro era Daniel Passarella, e Pontello não perdeu tempo para contratar o capitão argentino, que se juntou ao compatriota Daniel Bertoni como segundo jogador estrangeiro do clube para a temporada 1982/1983. O segundo atleta a impressioná-lo no Mundial foi Karl-Heinz Rummenigge. Pontello tentou contratar o astro alemão no verão de 1984 e, quando Rummenigge decidiu jogar na Internazionale de Milão, Pontello se concentrou no terceiro nome da lista — Sócrates.

Em maio, o diretor-geral do clube, Tito Corsi, voou até São Paulo para abrir as negociações. Sócrates ainda estava sentido pela derrota da campanha das Diretas Já e demorou apenas vinte minutos para concordar com a proposta de dois anos de contrato. O Corinthians, no entanto, não foi tão receptivo. Waldemar Pires se reuniu com diretores da Fiorentina em seu escritório, na Avenida Paulista, e pediu 4,6 milhões de dólares pela transferência, enquanto a Fiorentina avaliava pagar cerca de 1,8 milhão. Pires se encontrou com Corsi numa festa naquela noite, e já tinha baixado a pedida para 3,5 milhões. A distância diminuiu ainda mais no dia seguinte, quando os dois

SERGIO BEREZOVSKY

Na Toscana: o treino em dois períodos e a vida social o fizeram demorar meses para conhecer o *Davi*, de Michelangelo

voltaram a conversar na casa de Pires e os italianos aumentaram a oferta para 2,5 milhões.

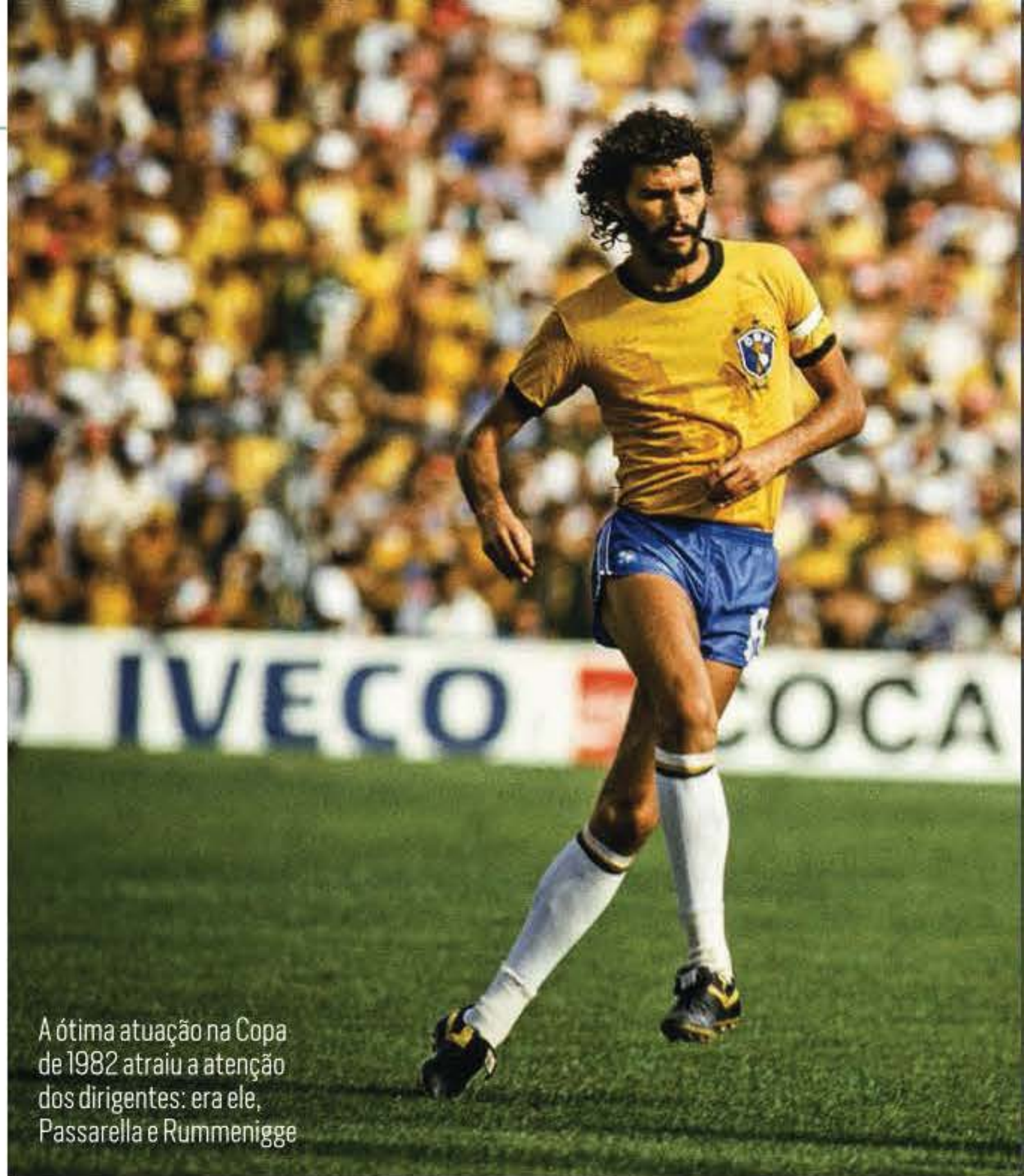
Sócrates deixou claro que queria sair e as negociações continuaram. Um acordo parecia iminente, mas o Corinthians estava disposto a arrancar o máximo possível dos italianos. Na terceira noite, Pires e Corsi se reuniram com Sócrates e seus advogados uma vez mais e a coisa quase saiu dos trilhos. A meia-noite se aproximava e ambos os lados ainda discutiam sobre os valores, e Sócrates explodiu numa mistura de frustração e tristeza.

"Eu sou gente!", ele gritou, batendo a mão na mesa. "Me respeitem! Eu não sou uma mercadoria!" Levantou-se, com lágrimas no rosto, e saiu da sala.

Pires finalmente entendeu quanto a transferência significava para o jogador e, no dia seguinte, baixou o preço pedido pelo Corinthians para 3,2 milhões de dólares. Corsi concordou em pagar, embora mais algumas negociações tenham levado a um valor final de 2,7 milhões. Os italianos gastaram mais várias centenas de milhares de dólares para cobrir o que Sócrates pretendia receber, e o jogador renunciou a parte de seu porcentual relativo à transferência para garantir o negócio.

***

O futebol na Itália estava em alta depois da vitória na Copa do Mundo de 1982 e os clubes, ricos, contratavam os maiores nomes do futebol. Glamorosa, atraente e bem-sucedida, a Itália era o lugar para estar e a elite do futebol da Europa embolsou todas as liras que pôde e se mudou para a península.

Foi um dos mais sensacionais períodos de transferências já vistos e, ao longo das seis semanas seguintes à assinatura do contrato de Sócrates com a Fiorentina, Junior foi negociado com o Torino, Graeme Souness com a Sampdoria e, no maior de todos os negócios, Diego Maradona deixou o Barcelona e foi fazer história no Napoli. A Juventus tinha o francês Michel Platini e o polonês Zbigniew Boniek; Hans-Peter Briegel e Preben Elkjær desembarcaram no Verona; enquanto os ingleses Mark Hateley e Ray Wilkins chegaram ao Milan.

A ótima atuação na Copa de 1982 atraiu a atenção dos dirigentes: era ele, Passarella e Rummenigge

A Fiorentina tinha terminado o campeonato em terceiro lugar na temporada anterior e o clube estava otimista a respeito do novo brasileiro que poderia levá-los a voos ainda mais altos. Mais de 5 000 torcedores acompanharam a partida do time para a viagem de pré-temporada, e Sócrates não diminuiu as expectativas, dizendo a eles que tinha chegado "para ganhar a Copa da Itália, a Copa da Uefa e o *scudetto*". Era exatamente o tipo de coisa que os torcedores adoravam ouvir.

No primeiro dia em seu novo clube, Sócrates se juntou a seus companheiros para exames médicos. Enquanto esperava para subir na esteira para os testes respiratórios e cardiológicos, ele calmamente acendeu um cigarro. O médico do clube chegou e mal pôde acreditar no que via: "O que você está fazendo, fumando? Nós vamos examinar sua respiração!", ele reclamou.

"Mas, doutor, eu estou aquecendo meus pulmões para o exame", Sócrates brincou. Seus companheiros gargalharam e o médico foi embora, irritado.

Foi uma brincadeira, mas também uma espécie de mensagem intencional do brasileiro, e o incidente resumiria à perfeição a passagem de Sócrates pela Fiorentina. Desde o primeiro dia, ele dei-

RODOLPHO MACHADO

xou absolutamente claro que faria as coisas como quisesse. As coisas seriam do jeito dele — ou não aconteceriam.

O preparador físico Armando Onesti era famoso por seu rigor e nem todos os atletas suportavam seus métodos. Eles também conheciam a reputação de Sócrates e suas excentricidades, algo que logo se confirmou. Na viagem de ônibus para um jogo, ele se deitou num dos bancos na parte de trás, em vez de se sentar ao lado de um companheiro. Contra o Napoli, pela Copa da Itália, jogou de tênis porque o gramado era muito duro. E se irritava com os rígidos horários determinados por Onesti, que dava aos jogadores pouco tempo livre.

"Onesti prestava atenção a detalhes como o tempo das refeições", disse o goleiro Giovanni Galli, companheiro de quarto de Sócrates e um de seus poucos amigos no clube. "Ele não achava necessário gastar um longo tempo comendo, então nos dava apenas vinte minutos para almoçar. Aí ele nos fazia andar ao redor do campo para digerir a comida, e, um dia, Sócrates se levantou da mesa com o prato na mão e andou em volta do campo, comendo."

***

Ignorar as idiossincrasias de Sócrates foi uma decisão fácil, porque a Fiorentina teve um início de temporada decente. O elenco era forte e tinha condições de lutar pelo título. Nas quatro primeiras rodadas do campeonato, a Fiorentina ganhou dois jogos e empatou outros dois. Na Copa da Itália, três vitórias e dois empates classificaram o time para as oitavas de final, e duas vitórias sobre o Fenerbahçe significaram uma vaga na segunda fase da Copa da Uefa. Sócrates atuou por quase todo o tempo nos primeiros seis jogos e foi o melhor jogador em campo em dois deles: a vitória na estreia na liga italiana contra a Lazio, fora de casa, e o triunfo na Turquia, na Copa da Uefa. Um lindo gol na goleada por 5 x 0 sobre a Atalanta, na quarta rodada do campeonato, levou a Fiorentina ao segundo lugar na classificação e pareceu confirmar o otimismo da pré-temporada.

As duas derrotas em jogos equilibrados contra Sampdoria e Verona, no fim de outubro, não chegaram a ser desastrosas, mas atrapalharam os planos do clube, e as coisas pioraram alguns dias mais tarde, contra o Anderlecht. O jogo de ida do confronto na Copa da Uefa terminou empatado em 1 x 1, em Florença, com Sócrates marcando o gol da Fiorentina. A partida de volta, no entanto, foi um massacre. Sócrates fez o gol de empate, de pênalti, depois de o Anderlecht ter aberto o placar no início do jogo, mas os belgas demoliram os visitantes no segundo tempo: 6 x 2.

A derrota marcou o começo de uma sequência de nove jogos sem vitória que se estendeu até 1985 e expôs as divisões existentes no time. Os jogadores se trancaram no vestiário por três horas depois de uma derrota para a Roma, onze dias mais tarde, e palavras duras foram trocadas na viagem de ônibus de volta para casa. Um Sócrates indignado deu um sermão aos companheiros no trajeto, dizendo a eles que deveriam estar "envergonhados pra caralho" e exigindo mudanças. Fazia tempo que ele suspeitava de que algo estava acontecendo, mas não sabia dizer exatamente o que era, e, após a derrota em Roma, as coisas enfim se esclareceram.

O vestiário da Fiorentina estava rachado; um lado era liderado por Daniel Passarella e o outro pelo capitão do time, Eraldo Pecci. O técnico Giancarlo De Sisti tinha conseguido colocar um esparadrapo sobre a ferida, mas, quando ele foi hospitalizado com um abscesso no cérebro, no fim de agosto, um vácuo de poder destruidor se instalou. Onesti passou a ser o treinador interino e foi incapaz de se impor, o que permitiu que transbordassem os ressentimentos que vinham permanecendo no limite da superfície enquanto o time vencia.

Inicialmente, Sócrates não sentiu nenhuma simpatia particular por Passarella ou Pecci e relutou em escolher um lado, não apenas porque sabia que o time jamais conseguiria vencer se estivesse dividido, mas também porque fazê-lo seria aceitar um papel de subordinado a um dos dois. Mas vários dos jogadores escolheram lados e Sócrates ficou no meio. Ele estava convencido de que alguns de seus companheiros o evitavam deliberadamente e se sentiu perseguido tanto por ser estrangeiro quanto por ser progressista.

O brasileiro ficou vulnerável sem o suporte do técnico que o contratou e, sem aliados, transformou-se em bode expiatório. Muitos de seus companheiros achavam que ele não vinha fazendo sua parte e vários tinham objeções ao que consideravam atitudes antiprofissionais e falta de esforço.

"Esses caras eram profissionais dentro e fora do campo e não entendiam por que Sócrates, que podia ser grande dentro, não era fora também", disse Galli sobre seus companheiros. "Ele não tinha profissionalismo e não queria fazer sacrifícios. Queria que os outros jogadores corressem por ele, e os outros diziam: 'Eu corro por Sócrates, ele precisa correr por mim'. Na cabeça dele, os outros jogadores deveriam ser mais como ele, não o contrário. Mas eles acreditavam que ele precisava se acostumar ao nosso mundo. Esse foi o grande erro de Sócrates. Ele se recusou a fazer qualquer concessão."

***

O descontentamento de Sócrates era exacerbado pelas dificuldades para se adaptar à vida italiana fora do campo. Florença é uma cidade antiga, cruzada por ruas estreitas que inesperadamente chegam a praças espetaculares com igrejas, bibliotecas e monastérios ainda mais maravilhosos. As ruas são ladeadas por antigos edifícios de pedra, coloridos por séculos de fumaça e fuligem. As igrejas têm mais de cinco andares de altura, torres e cúpulas dominam o horizonte com as colinas da Toscana ao fundo.

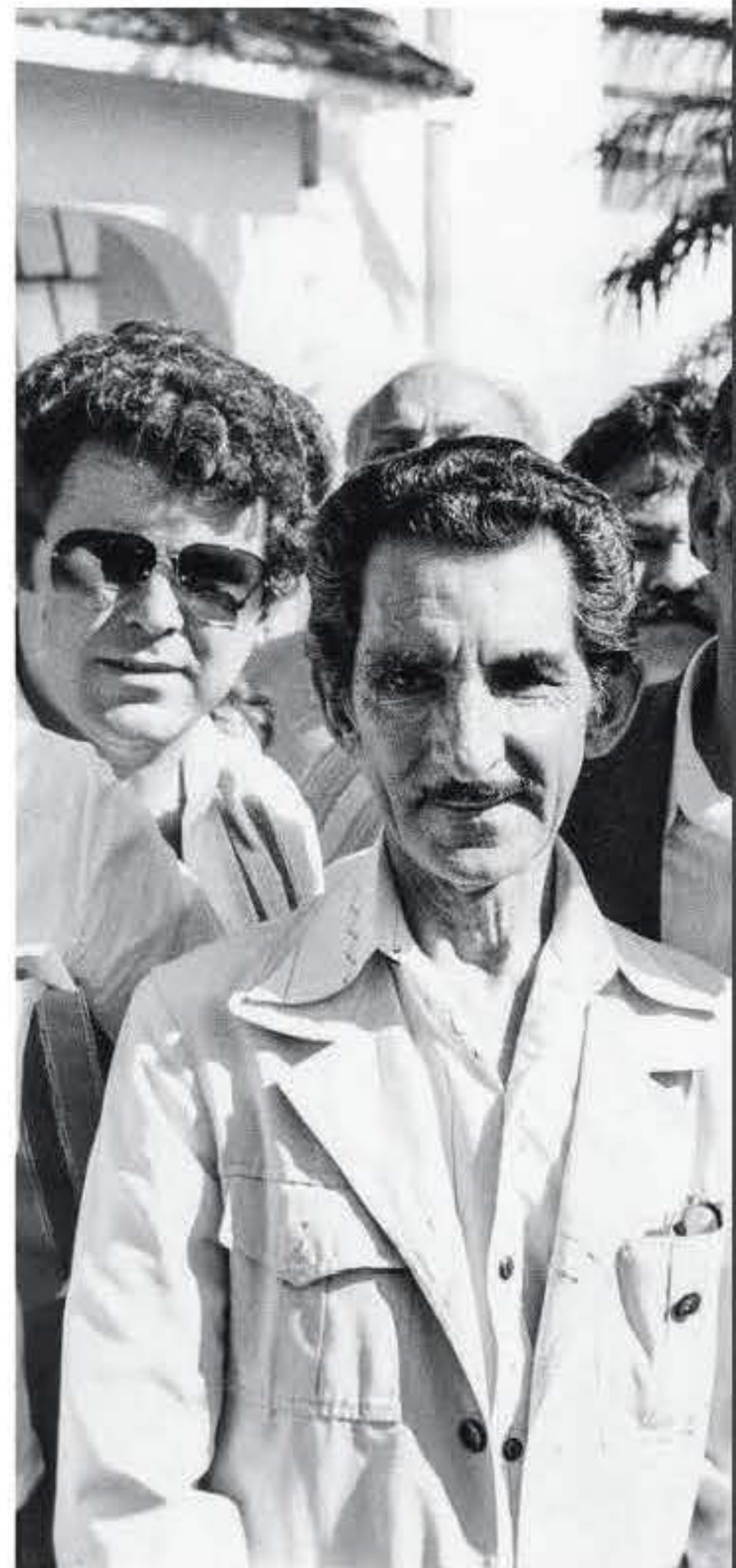
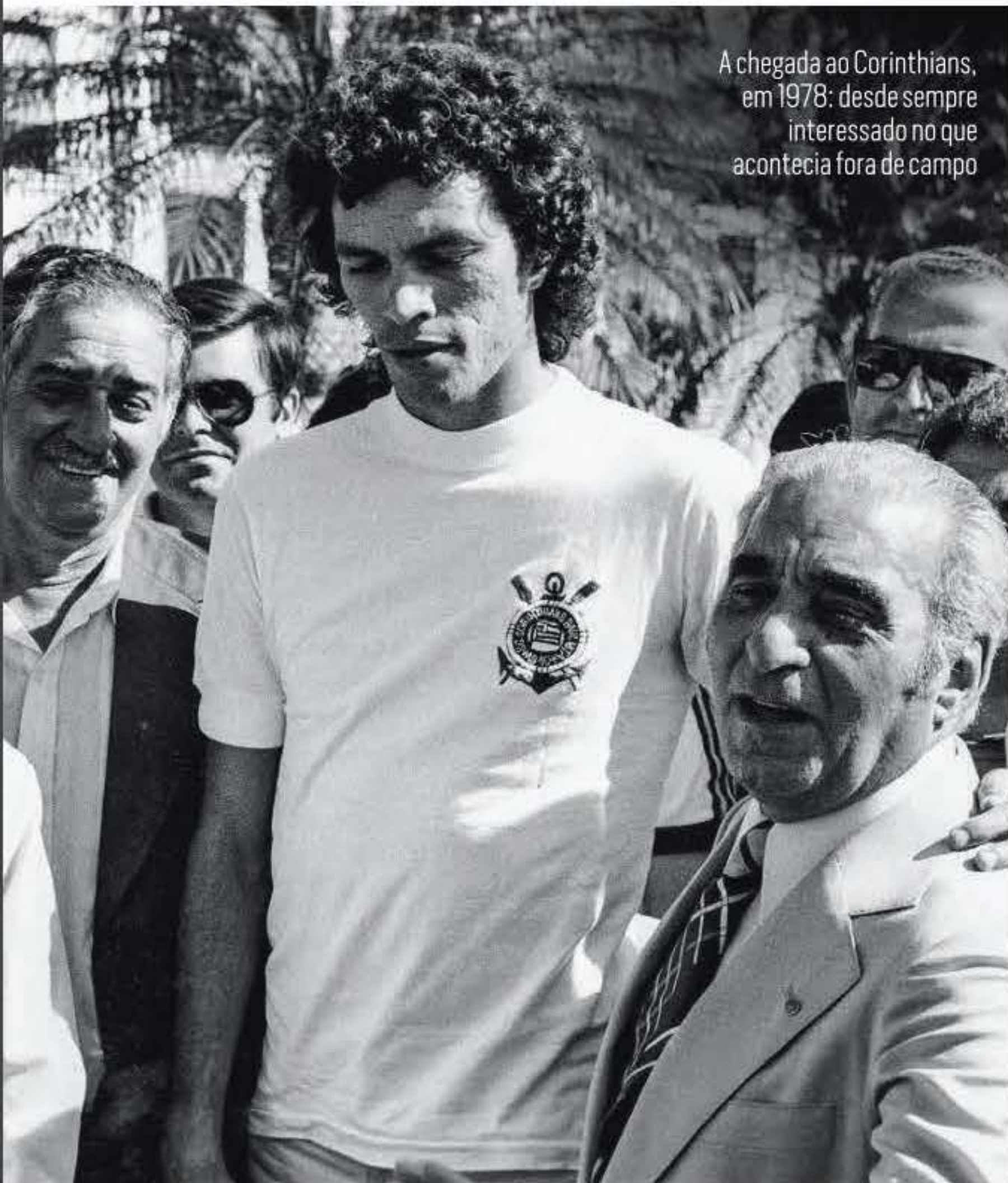
Sócrates, entretanto, via muito pouco disso. Ele se mudou com a família para uma mansão em Grassina, uma vila no alto de uma colina a cerca de 10 quilômetros do Stadio Comunale. A casa de dois andares tinha uma grande lareira, uma adega e era cercada por pomares que produziam uva chianti e azeitonas.

Giancarlo Antognoni e Claudio Gentile estiveram entre os convidados para jantar na casa de Sócrates, mas Antognoni perderia toda a temporada por causa de uma lesão e, embora Sócrates provocasse Gentile — que nasceu na Líbia — apelidando-o de "Kadafi", eles nunca foram próximos. Certo dia, Sócrates convidou parte dos jogadores para um churrasco e, para seu desgosto, apenas um deles apareceu.

A relutância dos italianos em socializar-se era um problema sério para um homem que enxergava a amizade e a camaradagem como prioridades, e a frieza dos companheiros aprofundou sua sensação de solidão. Sem amigos no time e com poucos conhecidos na nova cidade, ele se voltou para os brasileiros em busca de conforto.

Sócrates e Regina estabeleceram uma amizade com José Trajano, um jornalista que conheciam de São Paulo e estava viajando num ano sabático com a namorada. Trajano, ex-editor de esportes da *Folha de S.Paulo,* aproveitava o período para escrever sobre o futebol na Itália. Os dois casais se tornaram próximos e, após mais uma de tantas noites regadas a vinho que terminaram com Trajano e a namorada dormindo no quarto de hóspedes, eles foram convidados a deixar a pensão onde se hospedavam e se mudar permanentemente. O isolamento mútuo e a saudade de casa aproximaram Sócrates e Trajano, como, nas palavras de Sócrates, dois bêbados infelizes que se apoiaram um no outro para sobreviver.

Sócrates e Trajano iam à cidade para comprar discos ou comer em alguma trattoria local, ou então ficavam apenas em casa bebendo e conversando. Mas mesmo quando seu círculo de amigos cresceu, Só-

crates ainda considerava a vida italiana intolerável. Ele tinha ido à Itália, em parte, para aproveitar a cultura do país, mas demorou meses para ver o *Davi,* de Michelangelo, ou os Caravaggio, Botticelli e Da Vinci na Galeria Uffizi, pois os treinos em dois períodos, combinados com sua vida familiar e social, o mantinham ocupado.

O inverno mais frio em 100 anos não ajudou em nada. Sócrates odiava o frio e as temperaturas de 23 graus negativos ao menos permitiam que ele impressionasse os visitantes colocando a cerveja para gelar do lado de fora da casa.

A chegada ao Corinthians, em 1978: desde sempre interessado no que acontecia fora de campo

MANOEL MOTTA

***

"Sócrates passou apenas um ano na Itália e nós que estávamos aqui não o ajudamos", disse Pecci. "Platini precisou de seis meses para compreender a liga italiana, Falcão também. O único que jogou bem desde o início foi Zico. Um período para se assentar é muito importante."

Soando até mesmo um pouco ridículo, Pecci afirmou ter amizade com o homem que ele chamava de "Magron" e reconheceu que Sócrates não deveria ser responsabilizado por aquela frustrante temporada da Fiorentina. "Muitos jogadores não renderam o esperado. Quando as coisas não vão bem, as pessoas procuram razões em exageros com mulheres ou na vida noturna. A verdade é que vários dos jogadores não jogaram bem e nós não conseguimos os resultados."

E havia também a política. Horas depois de chegar ao clube, Sócrates foi apresentado à torcida numa cerimônia improvisada no Stadio Comunale. Milhares de torcedores se reuniram do lado de fora para ver a nova estrela e foram à loucura quando Sócrates lhes fez uma saudação com o braço erguido e o punho cerrado. Ele não sabia, mas o gesto com o punho cerrado era usado pelo Partido Comunista Italiano, o que criou problemas com os donos do clube, todos apoiadores dos democratas-cristãos, o partido de direita que era o maior do país.

Quando o evento acabou, eles almoçaram juntos e diretores do clube discretamente o puxaram de lado e pediram para que não repetisse o gesto. Sócrates ficou perplexo com a controvérsia, mas não estava disposto a esconder suas preferências.

"Por que você fez aquele gesto?", o presidente do clube, Ranieri Pontello, perguntou a ele.

"Porque aquilo sou eu, é o símbolo da minha vida", Sócrates respondeu.

"De onde vem esse gesto?", Pontello quis saber.

"Eu não sei exatamente, mas me lembra do movimento black power na Olimpíada do México, em 1968. Tem a ver com várias coisas. É um símbolo, sei lá, uma comunicação com o público... Seja qual for essa comunicação."

"Você sabia que é o símbolo do Partido Comunista Italiano?", Pontello perguntou.

"Não", disse Sócrates. "Mas adorei saber."

***

Faltando apenas três jogos para o fim do campeonato, a Fiorentina jogaria contra a Udinese, e Sócrates, machucado, foi assistir ao jogo de calção e chinelos. Ele chegou tarde e, em vez de se dirigir ao camarote da diretoria, pegou uma cerveja e se posicionou perto da grade para ver o jogo a poucos metros da linha lateral. Os diretores gritaram para que se juntasse a eles, mas Sócrates ignorou os pedidos e os esnobou ainda mais. Um amigo, comediante local, estava perto dele e, no intervalo, Sócrates sugeriu que eles fossem ver o segundo tempo na Curva Fiesole, o setor atrás do gol onde se reuniam os "ultras" do time — os torcedores organizados.

Eles foram recebidos como heróis quando chegaram e a experiência de passar 45 minutos perto de torcedores reais foi uma das memórias mais duradouras de sua passagem pela cidade. Inevitavelmente, entretanto, a aventura serviu para agravar as relações com os diretores e companheiros. Os Pontello ficaram irritados por terem sido esnobados e os jogadores acharam que Sócrates era louco. A distância entre eles estava ficando grande demais.

Um dos poucos momentos ensolarados durante aquele inverno gelado aconteceu em janeiro (de 1985), quando Sócrates foi a Roma para se encontrar com Tancredo Neves, o homem que o Congresso tinha escolhido para ser o primeiro presidente civil do Brasil em 21 anos. Sócrates adorou encontrar Tancredo, que morreria tragicamente antes de tomar posse, e sentiu mais saudade de casa do que nunca ao pensar que uma mudança tão profunda estava acontecendo em seu país sem que ele pudesse testemunhá-la. Mas o encontro no hotel Excelsior, em Roma, teve pelo menos um efeito positivo.

Os jogadores brasileiros que foram convidados reclamavam da aborrecida vida social na Itália e combinaram de organizar alguma coisa na época do Carnaval. Sócrates adorava o Carnaval e enxergou as celebrações como uma oportunidade não só de reunir os jogadores brasileiros, mas também de tentar mostrar aos companheiros de clube como fazer uma festa de verdade. Ele passou semanas gravando fitas cassete com seus sambas favoritos e comprou 200 litros de cerveja alla spina, antepasto suficiente para alimentar um estádio lotado e um leitão para fazer um churrasco, na parte de fora da casa, sob temperaturas abaixo de zero.

Sócrates dividiu o evento ao longo de dois dias, com os brasileiros chegando na segunda-feira e os italianos no dia seguinte, que, por coincidência, era seu aniversário de 31 anos. A festa começou timidamente no domingo à noite, quando ele voltou de Bérgamo após marcar no empate em 2 x 2 com a Atalanta, mas as coisas realmente esquentaram na manhã seguinte, quando os brasileiros chegaram para a "fase 1". Zico veio em seu BMW com Pedrinho, do Catania. Cerezo chegou de Roma e Junior apareceu com toda a família e um pé enfaixado.

Edinho chegou em seu Maserati turbo. Só Falcão, que estava machucado, perdeu o evento.

Doutor Sócrates — A Biografia, de Andrew Downie; tradução de André Kfouri; prefácio de Raí; 451 páginas; 84,90 reais; Editora Grande Área

A tradição no Brasil, em tempos carnavalescos, era cheirar lança-perfume, e Sócrates não seria derrotado pela ausência da droga — que era parte integrante do Carnaval brasileiro nos anos 1980, tanto quanto o samba e o sexo. Ele conseguiu que o cabeleireiro de Regina trouxesse spray para cabelo, que tinha o mesmo efeito intoxicante, e, quando os convidados passavam pela porta, tentava convencê-los a experimentar.

"Esse baile foi planejado por muito tempo", lembrou Trajano. "Ele passou dias gravando músicas de Carnaval, comprou serpentina para decorar a casa. Ele falou: 'Pô, baile de Carnaval sem um lança-perfume não tem graça', e comprou, com esse cabeleireiro da Regina, uma caixa de laquê. Com todo mundo que entrava, os jogadores também, ele pegava o lenço e punha para a pessoa cheirar. Só que cada laquê tinha uma cor. Tinha amarelo, verde... Durante a festa, tinha gente com nariz verde, amarelo, vermelho."

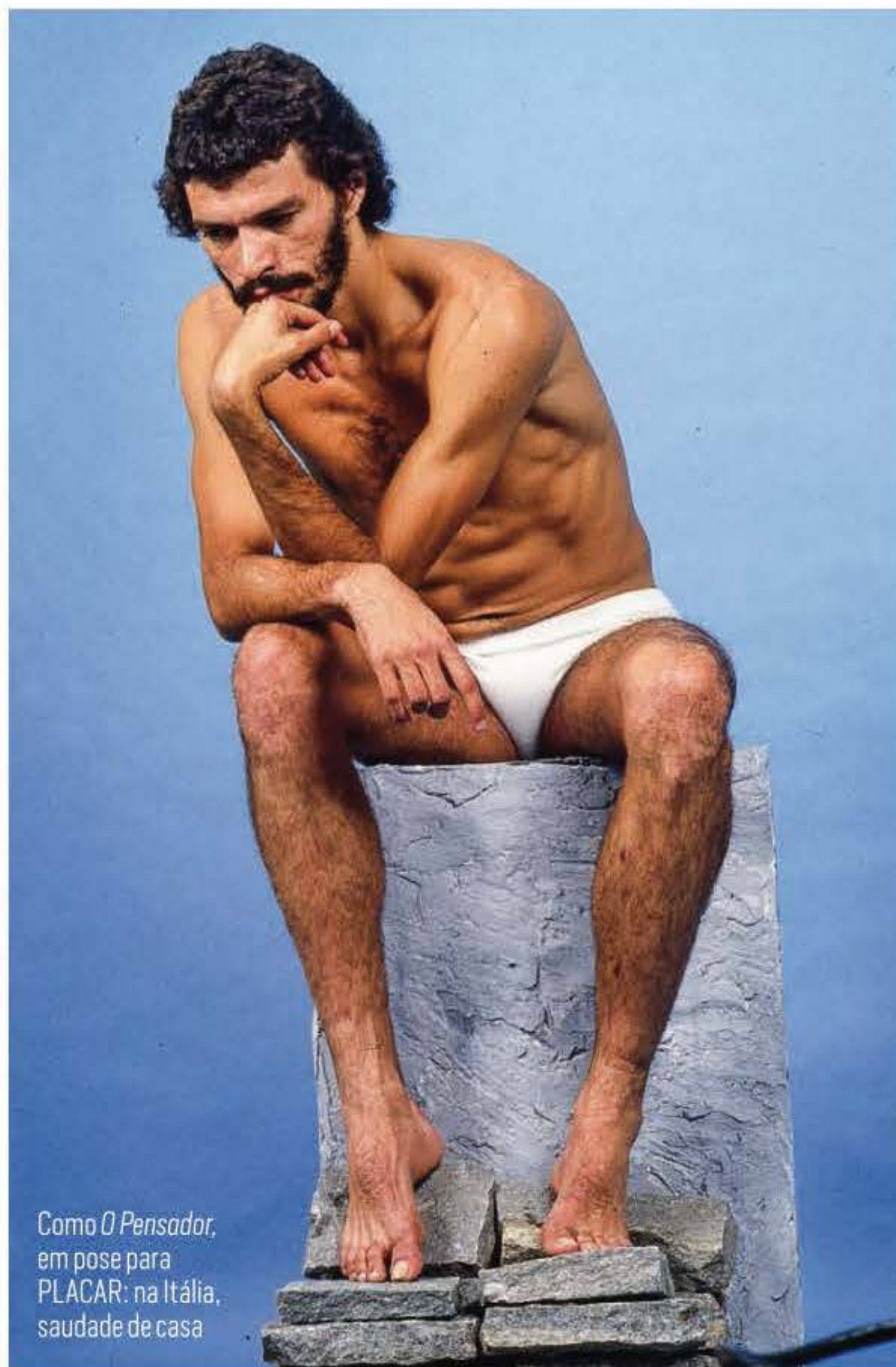
A recepção aos companheiros da Fiorentina, no dia seguinte, foi igualmente inesperada. Eles chegaram vestindo terno, exibindo a típica elegância italiana, e Sócrates, em seu uniforme usual — roupas amassadas e tênis surrados —, não perdeu tempo na tentativa de tornar a festa mais brasileira. Havia preparado um par de tesouras de jardim para acabar com as formalidades e, quando os convidados entravam na casa, o anfitrião se divertia ao anunciar que as gravatas Armani e Dolce & Gabbana estavam prestes a ser aparadas.

Oriali, Massaro, Galli e Gentile foram algumas das vítimas, que não tiveram escolha a não ser se render. Passarella se ajoelhou e implorou para que Sócrates poupasse seu caro acessório.

Antognoni argumentou que sua gravata tinha sido um presente de sua mãe e quase chorou. Sócrates adorou e, com seu típico bom humor, ignorou os pedidos e abraçou cada um deles com metade de suas gravatas nas mãos. Estava radiante com a presença dos companheiros e, por um breve momento, imaginou que o feito de reunir os jogadores italianos para se socializar poderia funcionar como um estímulo para o time.

"Agora, sim, somos um time de futebol", ele disse.

***

O técnico De Sisti não se recuperou totalmente da cirurgia no

Como *O Pensador*, em pose para PLACAR: na Itália, saudade de casa

RONALDO KOTSCHO

cérebro e foi substituído por Ferruccio Valcareggi, o respeitado treinador que tinha dirigido a Itália na Copa do Mundo de 1970. Mas a atmosfera era tão corrosiva que Sócrates pediu uma reunião urgente e os jogadores foram convidados a se encontrar na mansão de Pontello. Sócrates estava convicto de que tinha descoberto a razão para o racha no vestiário e queria fazer algo a respeito.

"Por que você pediu esse encontro?", Pontello perguntou, de um lado da enorme mesa de seu escritório.

Os jogadores se ajeitaram nervosamente em suas cadeiras e murmuraram alguns chavões inconclusivos, enquanto olhavam para Sócrates, do outro lado da sala.

"Eu quero dizer uma coisa", ele respondeu, e começou com a costumeira cordialidade brasileira, antes de fazer acusações controversas. "Se eu puder explicar", ele disse. "O que aconteceu foi o seguinte: um cara está dormindo com a mulher de outro e formou seu próprio grupo. Agora esses caras não falam com os outros caras, e esse grupo não passa a bola para os caras do outro grupo. A única solução é mandar o capitão embora."

"De jeito nenhum", disse Pontello. "Não vou fazer isso. Ninguém vai sair."

"Tudo bem", disse Sócrates. "Então me deem licença." Ele se levantou e saiu.

Faltando quatro jogos para o fim da temporada, uma lesão impediu Sócrates de viajar a Turim para enfrentar a Juventus, e Cecconi, de 21 anos, fez sua quarta aparição no campeonato. Ele marcou um gol na vitória por 2 x 1 sobre os maiores rivais da Fiorentina, e o destino de Sócrates estava selado. Os torcedores tinham encontrado um novo herói. Sócrates nunca mais vestiu a camisa do clube.

"Para ele, o futebol era uma questão de felicidade", refletiu Stefano Carobbi, que depois se tornou treinador. "Ele queria estar sempre feliz. Na Itália, temos uma mentalidade diferente. Aqui você precisa ter sua mente focada no jogo. Não é possível sorrir antes de um jogo e isso o fez sofrer. De acordo com ele, o time tinha de transmitir alegria, mas nós transmitíamos o oposto. Hoje eu sou treinador e percebo que ele estava certo. Não é uma questão de vida ou morte. Nós vamos para um jogo para desfrutar. Ele era o único que entendia isso."

Sócrates tinha mais um ano de contrato em Florença, mas sabia onde encontrar a alegria que buscava, e não era na Europa. Ele estava desesperado para ir para casa. Talvez um pouco desesperado demais. ■

OS BEATLES E O FUTEBOL

A relação do quarteto de Liverpool com a bola nunca foi muito calorosa. Houve só esparsas, embora fundamentais, citações a jogadores e treinadores em capas de disco e em letras de canções

Fábio Altman

Deixe estar, porque os Beatles são eternos. Dito de outro modo, em forma de questão: dentro de 300 anos, ouviremos falar deles e escutaremos suas canções como quem hoje se delicia com Mozart? O quarteto de Liverpool tem a dimensão do compositor austríaco? Sim, e desafine a primeira nota quem conseguir argumentos que refutem essa constatação. Ou então pergunte para uma criança o que ela acha de John, Paul, George e Ringo. "Há algo de mágico no que fizeram, que beira o inexplicável", diz o educador Fabio Freire, criador, ao lado de Gabriel Manetti, do Beatles para Crianças, quinteto que faz uma série de shows de rock cujo nome dispensa explicações. "Meninas e meninos entoam *Yellow Submarine* como quem canta *Ciranda, Cirandinha* ou *Cai, Cai Balão*. É como se fizessem, desde sempre, parte da história oral das famílias." Os espetáculos de Freire e Manetti, sempre lotados, animadíssimos, numa algazarra que remete à torcida nos estádios, são a comprovação da perenidade da beatlemania. Tudo o que cerca a banda, cinquenta anos depois do fim do grupo, em 1970, chama a atenção, comove. *McCartney 3, 2, 1*, no streaming do Star+, é uma pequena obra-prima em forma de documentário, a conversa solta do baixista canhoto com um produtor musical de estúdio. Em 25 de novembro, o Disney+ levará ao ar os três episódios, com duas horas de duração cada, de *Get Back*, dirigido pelo neozelandês Peter Jackson *(O Senhor dos Anéis)*. O diretor se debruçou sobre 56 horas de filmagens inéditas em torno dos

Desajeitados: uma rara cena de George, Paul e Ringo de olho no que importa; mas foi John quem mais citou nomes do esporte bretão

BBC ONE

bastidores da gravação de *Let It Be*, em 1970. Se o trailer é de tirar o fôlego, imagine o resto.

Enfim, não há como driblar os Beatles e novas nuances brotam incessantemente. Em um aspecto, contudo, ainda paira uma sombra em torno do Fab Four, e por isso PLACAR entra em campo para tentar iluminar o caminho: qual era a relação dos meninos de Liverpool com o futebol? Tendo vindo da cidade portuária no noroeste da Inglaterra que respira o esporte bretão, entre os vermelhos do Liverpool e os azuis do Everton, era de se supor que os quatro fossem fanáticos. Mas não, o que não significa que andassem à margem do mais popular dos esportes — popularidade que só é menor que a dos próprios Beatles.

Eis portanto, a seguir, o pouco que se sabe dessa relação.

***

Foi de John Lennon a ideia de pôr na capa de *Sgt. Pepper's Lonely Hearts Club Band*, talvez a mais celebrada da história do rock, com seus 71 personagens, a figura de Albert Stubbins, contratado pelo Liverpool em 1946 e que ajudou o clube a vencer um título da Liga Inglesa depois de 24 anos. Stubbins aparece escondido entre Marlene Dietrich e Lewis Carroll.

***

Em *Dig It*, do álbum *Let It Be*, Lennon incluiu uma rápida citação ao nome de sir Matt Busby, que jogou pelo Liverpool de 1936 a 1939 e que ficaria famoso como treinador do Manchester United, de 1945 a 1971. Assim:

REPRODUÇÃO

Walls and Bridges, álbum de 1974: Arsenal e Newcastle em desenho de Lennon aos 11 anos

REPRODUÇÃO

DENNIS OULDS/CENTRAL PRESS/GETTY IMAGES

Albert Stubbins *(acima e no destaque)*, levado ao Liverpool em 1946: escondido entre Marlene Dietrich e Lewis Carroll na capa de *Sgt. Pepper's*

Fabio Freire, com Gabriel Manetti *(na frente)*, do grupo Beatles para Crianças: "história oral das famílias"

FELIX ZUCCO/AGÊNCIA RBS

"Like the FBI,
And the CIA,
And the BBC,
B.B.King,
And Doris Day,
Matt Busby,
Dig it".

***

No álbum *Walls and Bridges*, de 1974, Lennon pôs na capa um desenho feito por ele mesmo aos 11 anos de idade, no início dos anos 1950. Supostamente trata da vitória do Newcastle por 1 a 0 contra o Arsenal, na final da Copa da Inglaterra em 3 de maio de 1952, em Wembley. O destaque: o habilidoso e rápido Jackie Milburn, com a camisa 9 às costas. O número 9, aliás, o número mesmo e não o artilheiro, seria recorrente na obra de Lennon.

Mas, *in the end*, afinal de contas, para quem torciam John, Paul, George e Ringo? Nunca se soube e talvez nunca se saberá. John deu indícios de gostar do Liverpool, sobretudo ao levar Stubbins para o *Sgt. Pepper's*, mas ele nunca tratou do tema. Em raras entrevistas, Paul citou as ligações do pai com o Everton, e só — embora tenha mandado telegramas a dirigentes do Liverpool antes e depois de finais históricas e despontado, aqui e ali, com broches e penduricalhos rubros. George e Ringo: silêncio total. A insistência para se apartarem do futebol foi ideia do empresário Brian Epstein, o construtor da imagem do grupo, sem quem não teriam deixado o litoral. Ele intuía que a escolha de um time ou outro, Liverpool ou Everton, poderia alienar uma das metades da cidade. E assim foi para o resto da vida dos Beatles. Epstein não queria que eles entrassem na boa guerra do futebol porque *"the love you take is equal to the love you make"*. Fim. ■

INOVADOR E ABUSADO

Em 1979, PLACAR conseguiu a mais longa entrevista realizada até então com Cláudio Coutinho, que tinha sido o técnico da seleção brasileira na Copa da Argentina, um ano antes. Da conversa brotaram detalhes fascinantes da cabeça de um profissional que sonhava modernizar o futebol

Durante a ditadura militar, nos anos 1970, um capitão do Exército ganhou projeção no universo futebolístico brasileiro. Cláudio Coutinho fez parte da equipe de preparadores físicos da seleção que ganhou o tricampeonato mundial no México. Poucas semanas antes dos Jogos de Montreal, em 1976, tornou-se o técnico do time olímpico. E dois anos depois comandava o escrete principal na Copa da Argentina.

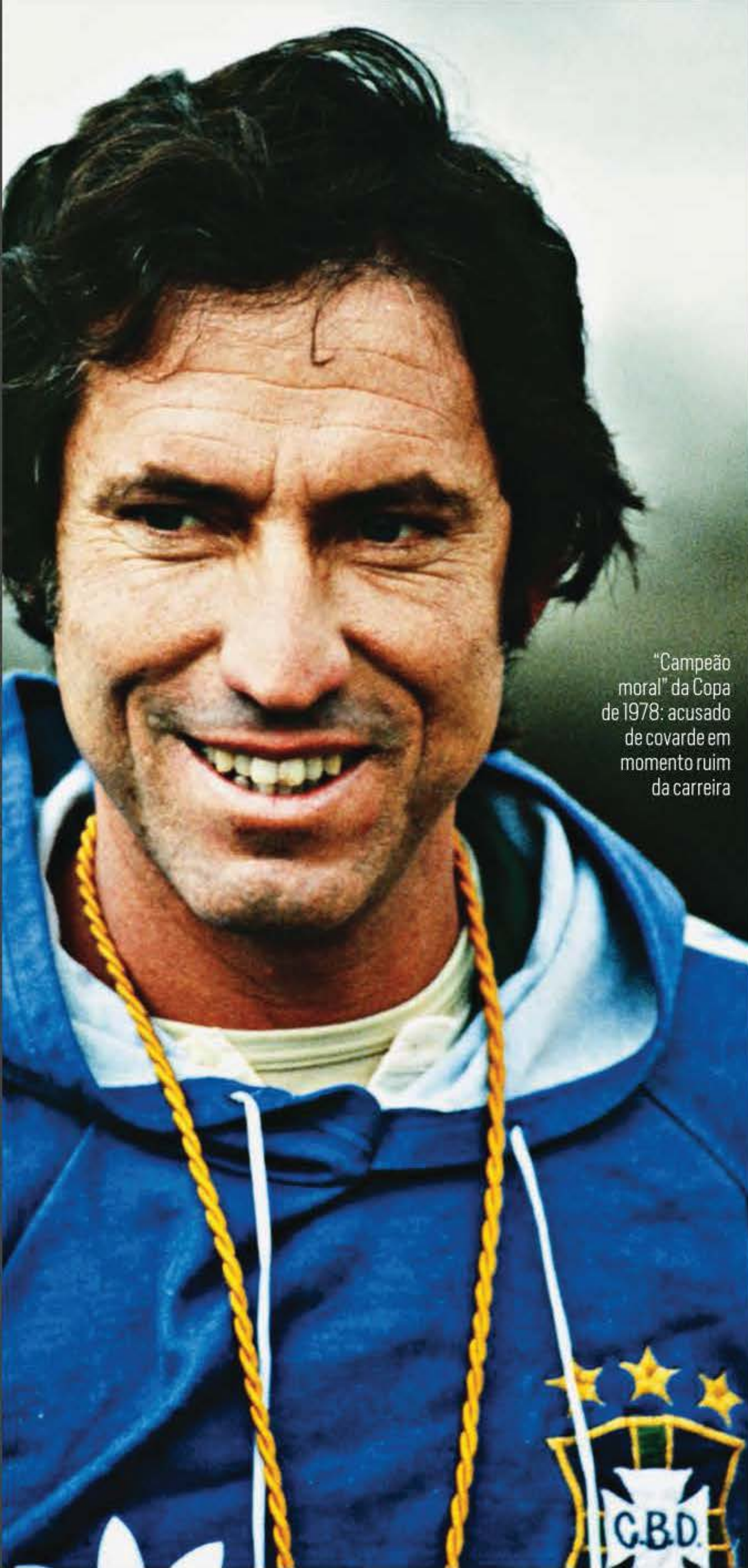
Poliglota e estudioso, Coutinho levou novas teorias para os treinos — um trabalho de modernização tática que muitos chamavam, na época, de europeização do nosso futebol. Cabeça-dura e autoritário, recusou-se a chamar Falcão (meia do Inter) para o torneio, apesar da pressão da imprensa de todo o país. Nos gramados argentinos, a seleção disputou a primeira fase pelo Grupo C. Empatou com Suécia e Espanha e, na última rodada, bateu a Áustria por 1 a 0.

Pelo regulamento, os oito melhores foram divididos em dois grupos de quatro. Batemos o Peru por 3 a 0, empatamos com os donos da casa em 0 a 0 (numa partida que ficou marcada mais pela pancadaria do que pela bola) e derrotamos a Polônia por 3 a 1. Algumas horas mais tarde, a Argentina goleou os peruanos por 6 a 0 e passou para a final graças ao saldo de gols, num jogo que muitos garantem que foi comprado pelos ditadores do país vizinho.

Na disputa pelo terceiro lugar, vitória de 2 a 1 sobre a Itália. No cômputo geral, saímos invictos: quatro vitórias e três empates. Assim, Coutinho garantiu, ao final da Copa: "O Brasil foi campeão moral". Um ano depois, o repórter Marcelo Rezende encontrou o técnico logo após o Flamengo se tornar bicampeão carioca. E fez uma das mais longas e detalhadas entrevistas com ele — a primeira em que falava de política e de sua vida pessoal.

Dois anos depois, em novembro de 1981, Coutinho praticava mergulho nas Ilhas Cagarras, no Rio de Janeiro, e morreu por afogamento. Ficou marcado, ao mesmo tempo, pela inovação e pela arrogância. Leia a seguir a íntegra da reportagem publicada em 1979, com as "confissões" desse personagem rico e controverso.

AS CONFISSÕES DE CLÁUDIO COUTINHO

Em sua carreira como técnico, Coutinho sempre teve uma preocupação: separar sua vida profissional da particular. De tal modo que até hoje suas opiniões sobre outros assuntos, que não futebol, permanecem inéditas. Ou melhor: permaneciam. Pois nesta entrevista exclusiva, ele abre o jogo e fala de tudo: sua infância, política, imprensa, família e só um pouco de futebol.

"Campeão moral" da Copa de 1978: acusado de covarde em momento ruim da carreira

BOB THOMAS

Sentado na apertada e mal iluminada sala de treinadores do Flamengo, Cláudio Coutinho termina mais um dia de trabalho intenso. Exercitou os jogadores às vésperas do jogo contra o Botafogo, que lhe garantiria o bicampeonato invicto — título inédito na história do Maracanã. Deu 53 autógrafos e oito entrevistas — prova incontestável de sua atual popularidade.

Está exausto. O suor no rosto não esconde a testa vincada, as rugas de preocupação. Nos cabelos, sempre impecavelmente penteados, começam a despontar alguns poucos fios brancos. São os primeiros sinais de uma profissão extremamente desgastante.

Quarenta anos (nasceu em 5 de janeiro de 1939), natural de Dom Pedrito, Rio Grande do Sul, Cláudio Pêcego de Moraes Coutinho entrou para o futebol em 1969 a convite de João Havelange. Na época um talentoso capitão do Exército, hoje é sem dúvida o técnico de maior prestígio do futebol brasileiro — situação bem diferente da que vivia pouco menos de um ano atrás.

De fato, a Copa do Mundo marcou um dos mais críticos períodos de sua carreira. Coutinho foi acusado de tudo — até de covarde. Seu relacionamento com a imprensa andou seriamente abalado.

Hoje, sempre que solicitado por repórteres, não se nega a comentários sobre futebol, mas pouco fala de sua vida, não dá entrevistas em casa e, quando pode, se esconde em Angra dos Reis fazendo caça submarina. E mais: para preservar sua intimidade, já trocou quatro vezes o número do telefone.

Apesar disso, seu relacionamento com a imprensa melhorou muito. Procura ser solícito com todos, responde direto, sem subterfúgios:

— Eu não minto. Para não dizer a verdade, prefiro não responder.

As concepções básicas do treinador também mudaram. Na en-

trevista que concedeu a PLACAR, pela primeira vez Coutinho reconheceu seus erros na escalação do Brasil na Copa:

— Hoje, não colocaria Edinho na lateral esquerda, como também formaria um time mais agressivo do que aquele.

Mudou também a filosofia de jogo?

— Também. Com este time do Flamengo descobri que atacar é muito mais rentável que defender. Talvez esse tenha sido o aspecto mais importante de meu aprendizado depois da Copa.

Talvez o mais importante, mas não o único. Coutinho aprendeu também a delegar poderes. Na Argentina, era tudo: técnico, líder, atração máxima. No Flamengo, fez de Carpegiani, Junior e Zico os líderes do time. E, sinal dos tempos, na comemoração do bicampeonato, desceu as escadas do túnel discretamente, deixando a festa para os jogadores.

Hoje, um Coutinho mais equilibrado, frio, calculista — virtudes, aliás, que foi cultivando ao longo dos dezoito anos de carreira militar. Nem se altera quando dizem que é atentamente observado nos treinos por olhares cobiçosos de lindas garotas. Do alto de seu 1,84 metro, 80 quilos, pele bronzeada, ele ri e desconversa:

— Não tenho tempo para observar quem me observa. Sou quarentão, casado e tenho dois lindos filhos, minha própria vida.

Conhecer mais a fundo sua intimidade já se torna missão difícil, quase impossível. Afinal, esse é um assunto que sempre fez questão de evitar.

Mas aos poucos Coutinho vai se abrindo. Conta que nasceu em Dom Pedrito por "acidente de trabalho". Seu pais, o falecido general Aquilles, um dos maiores cavaleiros da época, mestre de equitação, estava servindo por lá quando ele nasceu.

AS CONFISSÕES DE CLAUDIO COUTINHO

Desde criança Coutinho sempre teve duas facilidades: aprender línguas e praticar esportes. No futebol, nunca se deu bem como jogador. E acabou sendo técnico na vida.

"Armar um time defensivo foi meu erro na Copa"

"Se for para mentir, prefiro não falar nada"

"Em 64, fiquei a favor da Revolução"

"A liberdade de imprensa deve ter limites"

Com quase 2 anos, Coutinho mudou-se para o Rio de Janeiro. Foi criado numa casa em Copacabana, esquina da Avenida Atlântica com Joaquim Nabuco, uma das poucas que ainda resistem à especulação imobiliária.

— O que mais marcou minha infância foi a guerra, de 1943 a 1945. Eu, então com 5 anos, ouvia falar de guerra sem entender muito bem o que era, mas lembro do rosto de medo, do pavor das pessoas. Achava que a guerra era ali ao lado, em Niterói. Nunca vou esquecer dos lampiões pintados de preto na parte que dava para o mar, evitando que inimigos avistassem a terra.

Garoto tranquilo, bem-comportado, Coutinho era superprotegido em casa — na hora das broncas, quem levava a pior era seu irmão Ronaldo, três anos mais velho, hoje major do Exército. E, desde cedo, Coutinho revelava algumas tendências que hoje são marcantes: péssimo jogador de futebol, bom no vôlei e uma incrível facilidade para línguas — fala inglês, francês, espanhol e arranha alemão e italiano. Já aos 8 anos aprendia inglês e francês. Sua mãe, dona Ilca, apesar de filha de inglesa, só falava com o garoto em francês.

No estudo, foi sempre muito exigido. Coutinho, amante de praia, só tinha autorização para um mergulho se estivesse nos primeiros lugares da turma.

— O velho Aquilles era como a torcida do Flamengo: só queria o primeiro lugar.

Coutinho não decepcionou: no Colégio Mello e Souza, um dos mais tradicionais e rigorosos do Rio, ganhou a medalha Laura Mello e Souza pelos cinco anos de primeiro lugar. Seu pai sempre lhe tomava as lições.

— Eu tento fazer isso com meu filho, o "Cascão" *(o pouco chegado a banho Paulo César, 11 anos)*, mas nos desentendemos aos cinco minutos do primeiro tempo.

Na PLACAR de 1979: o mais revelador mergulho na mente de um profissional obcecado e permanentemente alvo de críticas

Estudioso, responsável, o garoto Coutinho tinha muitos amigos — entre eles o compositor Roberto Menescal, autor de *O Barquinho*, música que marcou muito a época da bossa nova. Um pouco calado, ambivertido, conseguiu a primeira namorada aos 12 anos.

E quando foi sua primeira relação sexual?

— Isso não fica bem comentar — diz, encabulado.

Ser militar era um atavismo. E, aos 15 anos, Coutinho entrava para a Escola Preparatória de Cadetes. Depois, transferiu-se para a Academia Militar, em Resende, regime de internato. Terminou oficial e mais uma vez não decepcionou o pai: ficou entre o quinto e o sétimo melhores durante todo o curso, numa turma de 100 alunos e "dois gênios".

Só que o esporte não saía da cabeça de Coutinho: como esquecer do tempo da praia, do vôlei, das peladas mal jogadas? Antes de entrar para a Escola de Educação Física do Exército, porém, Coutinho passou por duas etapas: serviu em Itu, São Paulo, e em seguida foi transferido para a Escola de Paraquedismo, no Rio. O Golpe de 1964 o encontrou ali, ao lado de seu comandante, coronel Ventura.

— Fiquei do lado da Revolução. Havia uma cisão dentro da divisão de paraquedismo e eu tive de tomar uma posição. Lembro que estavam planejando um atentado contra Carlos Lacerda, mas acabou falhando graças à nossa interferência.

Hoje ainda se fala que Coutinho teria participado do combate ao terrorismo, como torturador. Houve época, principalmente quando assumiu a seleção, em que o assunto esteve mais em evidência.

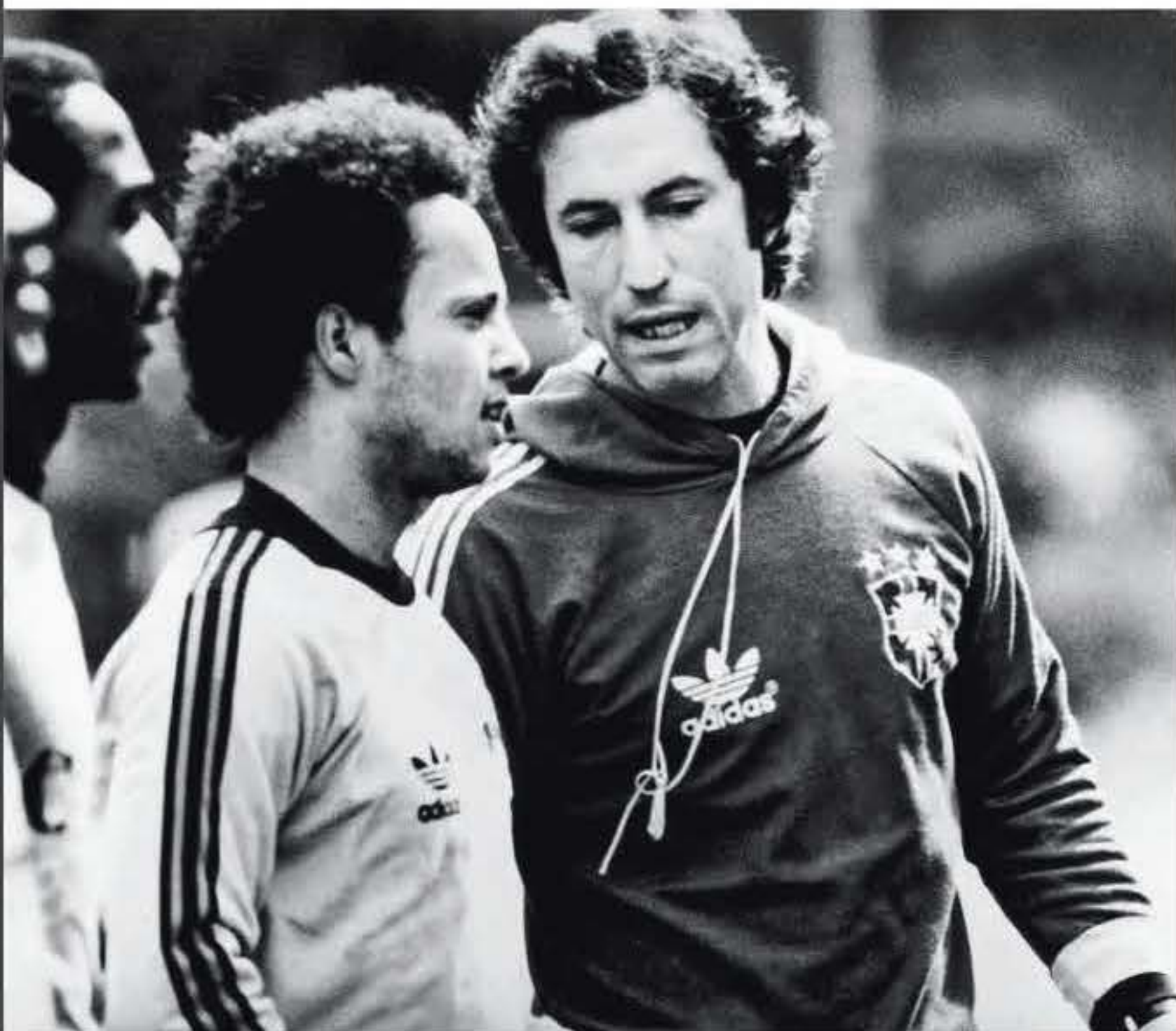
Coutinho, você foi um torturador?

— Eu nunca estive metido nisso. Há homônimos. Minha missão não era torturar ninguém. Eu era mestre de saltos.

Nessa hora, pela primeira vez em toda a entrevista, os olhos azuis de Coutinho o traem. Brilham, revelam a vontade de acabar de vez com o equívoco. Diz que foi um engano de muitas pessoas.

De qualquer forma, essa fase do paraquedismo é marcante em sua vida. Até hoje ele vai ao quartel rever amigos. Lá, fez vários cursos de aperfeiçoamento — treinamento para guerrilha na selva e transporte de tropas. Saltou de paraquedas no Alto Xingu, até que uma vez se encontrou com o sertanista Orlando Villas Bôas. Isso numa manobra em 1962.

— Fomos recebidos pelo Villas Bôas e os índios camaiurás. Engraçado (ou triste) é que o sertanista explicava as coisas pra gente e, no meio da conversa, pedia para dar um mergulho no rio. Ia ter um ataque de malária que durava perto de quarenta minutos. Na volta, retomava o assunto como se nada tivesse acontecido.

Em 1965, finalmente, Coutinho realizaria seu sonho: ingressar na Escola de Educação Física do Exér-

RODOLPHO MACHADO

Com Reinaldo, que sempre disse tudo: "A imprensa deve ser livre, mas sem superpoder"

cito. Ganhou medalha de ouro em esportes terrestres: futebol ("era perfeito na teoria e péssimo na prática"), basquete e vôlei, esporte em que foi campeão pelo Flamengo. Em 1966, foi chamado para preparador da seleção brasileira de vôlei.

O amor pelo futebol e pela preparação física, porém, permanecia: defendeu as teses em Fontainebleau, França; fez cursos no laboratório de stress humano da Nasa; proferiu conferências em universidades americanas; fez estágios com o professor Kenneth Cooper nos EUA; e acabou por introduzir o teste de Cooper no Brasil.

— Quando vejo esse pessoal correndo na praia, sinto que fiz algo de importante.

Na época praticante de basquete, vôlei, futebol, natação, polo aquático, tiro, esgrima, salto de paraquedas, judô, caratê e jiu-jítsu, além de estudante de administração de empresas, Coutinho começou a ganhar notoriedade. Estagiou no Botafogo e em 1970 viajou como preparador e supervisor da seleção tricampeã no México. Em 1972, foi acusado de autor intelectual do Manifesto de Glasgow, quando a seleção acusou a imprensa de ser antipatriótica. Nega a acusação, mas admite que leu e aprovou o documento. Em 1973, passou pelo Vasco e, no ano seguinte, depois da Copa, foi com Paulo César e Jairzinho para o Olympique de Marselha.

Daí em diante, sua carreira conheceu um período de grande ascensão. Até culminar com a Copa da Argentina, época de muitos tormentos.

Coutinho, você acha que a imprensa deva trabalhar sob censura?

— A imprensa deve ser livre, mas dentro dos limites que garantam a cada um ter sua apresentação pública verídica. Não fosse assim, a imprensa seria um superpoder.

Você adota estratégias para se relacionar com a imprensa?

— Na seleção, eu aturo a imprensa. É difícil o relacionamento, a maioria tem espírito bairrista. É um contato massacrante. No clube, é normal: às vezes, atendo com prazer, mas sempre por rotina. Hoje, sou mais flexível. Até mesmo combino com a imprensa criar expectativa em torno de algum jogo importante. Passei a entender que aquilo não é sensacionalismo, mas promoção do espetáculo. Hoje, os que me criticaram na Copa sentem remorso e não sabem como se desculpar. Até fico com vergonha.

As preocupações de Coutinho vão além do futebol. É católico e adepto de Santa Teresinha — casou e batizou os dois filhos (Paulo César e a menina Cláudia, 14 anos) na igreja da santa, em Copacabana. Adora teatro de comédia e aos poucos vai perdendo o velho hábito de estudar a história militar para se dedicar a livros de Aldous Huxley, Morris West e Frederick Forsyth, seus autores preferidos. Também se interessa por política e não perde o noticiário econômico dos jornais.

— O presidente Figueiredo é sincero. Foi colega de turma de meu sogro *(general da reserva César Costa, físico nuclear)*. Pode ser ainda mais popular do que já é, embora considere difícil ele superar a popularidade de Juscelino ou Médici.

E a abertura do general Figueiredo?

— Foi programada, como tudo no Exército. Em menor escala, eu programo tudo aqui no Flamengo. Sei o que quero atingir e quando quero. Todos os presidentes tiveram participação no processo e a pior parte coube a Castello Branco, que foi o primeiro. Foi um caminho longo esses quinze anos. E, agora, creio que entramos na linha certa.

Vencedor no Flamengo, para onde foi depois da derrota no Mundial: "Eu programo tudo... Sei o que quero atingir e quando quero"

Esse é Cláudio Coutinho. Que não tem preconceito racial ("minha filha se casaria com um negro"), que aceita o aborto como livre-arbítrio da mulher ("a ela cabe a decisão"), que só bebe socialmente ("um uísque já me mareia"), que só fala com jogador cara a cara, sem nunca mandar recado. Um homem que considera importante a entrada do Brasil no clube atômico ("desde que seja para fins pacíficos") e que durante a entrevista só se recusou a responder a uma pergunta: "Você, que é católico, acha que a Igreja está assumindo um papel excessivamente político?".

— Entre Estado e Igreja não me meto.

Um Cláudio Coutinho que até programou o futebol como fator de educação do filho.

— O futebol me distanciou muito de casa. O filho reclamava, a menina perguntava quando teríamos tempo de conversar. Minha esposa não dizia nada, mas eu sentia que ela também não estava gostando. Depois da Copa, arrumei uma solução: levo o Cascão ao jogo, à concentração, ao treino. Estamos sempre juntos. Estou dando a ele a boa educação que recebi. Em vez de ficar ameaçado por essa onda de drogas, o garoto passou a viver a emoção do trabalho e competição de seu pai.

E a filha? E a esposa?

— Saio muito com elas. Vamos ao teatro, cinema, jantar, passear, nada muito caro. Vamos a Angra dos Reis, onde pratico caça submarina. A menina vai junto, conversamos.

Jantar em lugares finos, mais ou menos caros, como o Antonio's, badalações no Régine's, Hippopotamus. E, como sempre sobra um pouco no fim do mês, Coutinho investe algum em terrenos. Mas não diz quanto ganhou com o futebol.

— Esse é um segredo que não posso revelar. Só interessa a minha família.

Nesse momento toca o telefone. É sua filha pedindo dez entradas para Flamengo e Botafogo. Assim que desliga, Coutinho chama aflito um funcionário do Flamengo. Tinha esquecido das entradas.

— Se chego em casa sem as entradas, ela me mata. A sorte é que minha mulher é muito inteligente *(estuda comunicações, "se quiser será jornalista")* e compreensiva. Hoje, ela faz o papel de mãe e pai em minha ausência. Deu equilíbrio à família. O telefone toca de novo, às 21 horas. É Regina, sua mulher.

Couto — ela diz do outro lado da linha —, é hora do teatro. Estão todos em casa esperando você.

— Está bem, mãezinha. Estou acabando de contar minha vida para um chato. ■

A NOITE DE SEVILHA

Na semifinal da Copa de 1982, França e Alemanha Ocidental fizeram um jogo sensacional, decidido apenas nos pênaltis. E um espetacular jogador que entrou apenas na prorrogação fez toda a diferença

Gabriel Pillar Grossi

IMAGO SPORTFOTODIENST/FOTOARENA

O camisa 11 alemão: apoiando as costas no zagueiro Bossis, seu leve toque de perna direita para o gol de Ettori foi como um terremoto

Sevilha, 8 de julho de 1982. No segundo jogo da semifinal da Copa do Mundo, França e Alemanha Ocidental decidiam quem enfrentaria a Itália (algoz do Brasil) na decisão. Por causa do calor do verão europeu, a partida tinha sido marcada para as 9 da noite e 70 000 pessoas lotavam o estádio Ramón Sánchez Pizjuán. Os alemães, duas vezes campeões do mundo até então, apostavam na força da camisa. Porém, sua maior estrela estava no banco, o jogador que tinha sido escolhido o melhor do ano na Europa: Karl-Heinz Rummenigge, centroavante que estreou pelo Bayern em 1974 e apenas dois anos depois já estava na seleção. Mas os franceses tinham Tigana, Giresse e Platini — e estavam comendo a bola.

O jogo foi lindo. Littbarski abriu o placar para os tedescos aos 17 minutos, num rebote na entrada da área. Apenas dez minutos depois, Platini empatou, de pênalti. Aos 15 minutos do segundo tempo, o lateral Battiston, que recém havia entrado, se chocou com o goleiro Schumacher e caiu inconsciente no gramado. Saiu sem dois dentes, três costelas quebradas e outras vértebras danificadas, mas o juiz Charles Corver, da Holanda, nem marcou falta no lance.

Houve grandes chances para os dois lados, futebol de primeira, todos dando o máximo pela vaga na final. Até que, nos acréscimos, o lateral francês Amoros acertou a trave. Tensão interminável, placar empatado após noventa minutos. Veio a prorrogação e quem viu não esquece. Logo aos dois minutos, Trésor virou para os gauleses. O técnico Jupp Derwall olhou para Rummenigge como quem diz: “Agora precisamos de você”. O craque entrou em campo quando o relógio marcava 7 minutos — e no lance seguinte Giresse ampliou para os bleus. Foi então que a mágica aconteceu.

O lateral Stielike recebeu na quina da grande área, sem marcação. Rummenigge se deslocou pelo meio e a bola veio à meia altura. Quando ela estava prestes a tocar no chão, na linha da pequena área, o atacante foi mais rápido que o goleiro Ettori e, num lance acrobático, apoiou as costas no zagueiro Bossis e deu um leve toque de perna direita para o gol vazio. Eram 12 minutos do primeiro tempo da prorrogação e a Alemanha Ocidental estava de novo no jogo graças a seu craque-talismã, a camisa branca ainda impecavelmente arrumada dentro do calção preto.

No segundo tempo, Fischer empatou logo aos 3 minutos — e a pressão de parte a parte seguiu até o apito final. Na decisão por pênaltis, cada país errou uma cobrança na primeira série de cinco. Então, o atacante Hrubesch marcou para os alemães e Bossis errou para os franceses. Foi a primeira vez que um jogo de Copa acabou decidido nas penalidades máximas. A Alemanha Ocidental chegava à sua quarta final de Mundial (perderia para os italianos de Paolo Rossi por 3 a 1). A França precisou esperar mais dezesseis anos para alcançar uma decisão. Jogando em casa, arrasou o Brasil (naquele fatídico jogo em que Ronaldo Fenômeno sofreu uma convulsão antes de entrar em campo) por 3 a 0. Mas Rummenigge será para sempre lembrado como o herói daquela noite em Sevilha. ■

O PRIMEIRO CAMPEÃO BRASILEIRO

Há cinquenta anos, a CBD organizou um inédito campeonato nacional. Coube ao Atlético-MG a honra de ter sido o primeiro a levantar a taça, ao superar favoritos como Santos, Fluminense, Botafogo e São Paulo

Gabriel Pillar Grossi

No ano seguinte à conquista do tricampeonato mundial, em 1970, no México, a Confederação Brasileira de Desportos (CBD) decidiu organizar o primeiro Campeonato Nacional de Clubes. Desde 1959, haviam sido realizadas a Taça Brasil, a Taça de Prata e o Torneio Roberto Gomes Pedrosa. O Fluminense, último vencedor do Robertão, o Santos de Pelé, o Botafogo de Jairzinho e o São Paulo de Gérson eram os favoritos, mas quem levou a melhor foi o Atlético-MG.

Vinte clubes, de oito estados, foram divididos em dois grupos de dez. Jogavam todos contra todos, em turno único, com os seis melhores de cada chave passando à segunda fase. Na nova divisão, eram três grupos de quatro equipes. Só o melhor passava para o triangular final.

No primeiro jogo, no Mineirão, vitória por 1 a 0 sobre o tricolor carioca com gol de Oldair. Em seguida, no Morumbi, o São Paulo fez 4 a 1 no Botafogo. Assim, no dia 19 de dezembro, no Maracanã, bastava um empate contra o Fogão para dar o título ao Galo. Mas Dario marcou aos 16 minutos do segundo tempo e garantiu a festa da vitória.

No total, foram 27 jogos, com doze vitórias, dez empates e cinco derrotas. Desde então, o clube foi cinco vezes vice-campeão brasileiro (em 2012, isso lhe garantiu vaga na Libertadores do ano seguinte, conquistada de forma heroica). Agora, sua torcida aposta pesado na repetição daquele feito inesquecível, de cinquenta anos atrás. ■

O Galo que conquistou o país em 1971: duas vitórias no triangular final garantiram a taça

CELIO APOLINARIO

Um ataque letal

Com 39 gols marcados em 27 partidas, o Galo teve o melhor ataque do Brasileirão-1971. Lola, Ronaldo, Tião e Dario eram os titulares. Beto, Spencer e Romeu muitas vezes entravam ao longo dos jogos. Com quinze gols, Dadá foi o artilheiro do torneio, feito que repetiu outras duas vezes, em 1972 e

FERNANDO PIMENTEL

No banco, um grande líder

O time-base do Galo campeão era Renato; Humberto Monteiro, Grapete, Vantuir e Oldair; Vanderlei Paiva e Humberto Ramos; Lola, Ronaldo, Tião e Dario. No banco, **Telê Santana** (1931-2006) completava sua segunda temporada no comando da equipe. Antes, tinha se destacado como ponta-direita do Fluminense, clube pelo qual fez também sua estreia como treinador, em 1969. Ninguém duvida que seu trabalho foi fundamental para garantir aquele título histórico.

1976 (ano em que, aliás, voltou a ser campeão brasileiro pelo Inter). É considerado o quarto maior artilheiro do futebol nacional, com 926 gols. Dizia que "não existe gol feio, feio é não fazer gol". E garantia que apenas três coisas param no ar: "beija-flor, helicóptero e **Dadá Maravilha**".

ACERVO PLACAR

As primeiras Bolas de Prata

Com a instituição do Brasileirão, PLACAR decidiu distribuir um troféu para os melhores jogadores. Em todos os jogos, jornalistas da revista davam notas aos atletas. Na seleção do campeonato, três atleticanos saíram com a primeira Bola de Prata: o lateral-direito Humberto Monteiro, o zagueiro Vantuir e o volante Vanderlei.

Capital dos bares

Belo Horizonte, onde o Atlético foi fundado, é conhecida no Brasil como a capital dos bares. Estima-se que haja 14 000 espalhados pela cidade, numa média de um para cada 170 habitantes, a maior do país. Além de petiscos para todos os gostos, não pode faltar cachaça, já que Minas Gerais é o maior produtor nacional, com 200 milhões de litros por ano (cerca de 50% do total).

FERNANDO LEMOS

O zagueiro e o refrigerante

Nos anos 1960 e 1970, o Grapette, refrigerante de uva inventado nos Estados Unidos, fazia grande sucesso no Brasil com seu slogan "Quem bebe Grapette repete". José Borges de Couto jogava como zagueiro no Atlético desde 1963, quando começou nas categorias de base, e ganhou o apelido de Grapete porque seu pai tinha uma distribuidora de bebidas. Nascido em maio de 1943, o ex-jogador vive hoje em Pouso Alegre, no sul de Minas. O refrigerante não vende tanto quanto antes, mas continua sendo produzido no país.

REPRODUÇÃO

LOCAL SAGRADO

Palco de grandes histórias — algumas que de lá jamais podem sair —, o vestiário é uma entidade do futebol; mas como funciona a engrenagem montada pelos roupeiros para que tudo saia como manda o figurino?

Luiz Felipe Castro

Reza a lenda que, ao entrar pela primeira vez em General Severiano, logo depois de vestir o uniforme do Botafogo para treinar, Garrincha ouviu um sussurro do técnico Gentil Cardoso. "Aqui aparece de tudo mesmo, até aleijado", teria dito o comandante, perplexo com a curvatura das pernas do inigualável camisa 7. Outra anedota envolvendo ídolos alvinegros eternizada em antigas páginas de PLACAR dá conta de que, pouco antes de entrar em campo para Brasil x Espanha na Copa de 1962, em Viña del Mar, no Chile, Didi abandonou a habitual elegância e teve de ser acalmado por Nilton Santos. "Vou mostrar para esse filho da puta que sei jogar bola", esbravejou o inventor do chute folha seca. A mãe em questão era a de Alfredo Di Stéfano, ídolo argentino que defendia a seleção ibérica, a quem o brasileiro sempre acusou de tê-lo boicotado no Real Madrid, e que, machucado, assistiria ao triunfo canarinho das tribunas. "Vai jogar tua bola, não vai mostrar nada a ninguém", repreendeu a Enciclopédia do Futebol.

O vestiário é, afinal, onde ocorrem os mais saborosos diálogos, onde os atletas extravasam depois de um título ou choram uma derrota amarga. Não à toa, é tratado como local sagrado por jogadores e treinadores. Sua função primária, porém, é, como o nome já diz, dar privacidade para que todos se vistam — e se dispam, claro. É aí que entra uma figura geralmente muito querida pelo grupo e essencial para a engrenagem, ainda que totalmente anônima: o roupeiro.

No Estádio Nilton Santos, localizado no bairro carioca de Engenho de Dentro e batizado em homenagem ao ex-lateral, morto em 2013, quem manda é José Barbosa, o roupeiro Zé, botafoguense doente de 41 anos. No Botafogo desde 1999, ele refaz sua rotina a cada partida. "Somos os primeiros a chegar e os últimos a sair", diz, repetindo um velho chavão da bola que, no caso dele, se justifica. Em dias de jogos, Zé e seu parceiro Amaury Alves têm de estar a postos seis horas antes de a bola rolar, para deixar tudo em ordem. "A gente se sente parte fundamental do time com o carinho recebido. É realmente um trabalho de muita responsabilidade, mas nossa equipe de rouparia tem anos de casa e nós fazemos tudo com amor", conta.

Para as partidas em casa, são três jogos do uniforme listrado, o titular, além de três pares de chuteiras para cada atleta. "Existe muita superstição aqui dentro. Alguns pedem até quatro pares", diz o roupeiro, ressaltando que há modelos com trava de alumínio ou borracha, para cada tipo de terreno ou clima. Já nas partidas como visitante, as malas (ou melhor, os enormes baús onde roupas, chuteiras e bolas são levadas) vão ainda mais cheias, com três jogos de uniformes de cada modelo (listrado, branco e preto) por atleta relacionado. Ou seja, contando onze titulares e doze reservas, ficam disponíveis no Engenhão "apenas" 69 camisetas. Longe de casa, são 207!!!

Em campo, um momento tradicional é aquele em que os adversários trocam as camisas. A gentileza, no entanto, não é ilimitada. Por questões de sigilo contratual, o clube não revela quantas peças são entregues pelo fornecedor de material esportivo a cada temporada. Mas sabe-se que cada atleta só pode ceder uma camisa por jogo — as outras duas retornam ao baú para ser lavadas e reutilizadas nas partidas seguintes. Zé Barbosa explica que não dispõe de nenhuma máquina para estampar números ou nomes caso eles desgrudem ou rasguem por algum motivo. "É por essa razão que levamos sempre três uniformes por atleta. Imprevistos acontecem." Os

FOTOS VITOR SILVA/BOTAFOGO

Estrela solitária e anônima: Zé Barbosa no Nilton Santos, antes da vitória sobre o Brusque, na Série B do Brasileirão

uniformes do Botafogo são fornecidos pela Kappa, marca italiana que ficou famosa no início deste século com um inovador desenho, mais ajustado ao corpo. Muitos boleiros curtem esse corte, pois gostam de realçar a forma física, enquanto outros se sentem mais à vontade na modelagem mais folgada. "O tamanho é predefinido pelos atletas individualmente. A maioria do elenco atual usa M."

Roupeiros são, muitas vezes, os integrantes mais longevos de um vestiário e, de tempos em tempos, têm de se adaptar aos novos modismos. As camisas de manga longa, por exemplo, como as que faziam sucesso em excursões do Fogão pela Europa nos anos 1960, praticamente não existem mais. As marcas têm optado, com raras exceções, por utilizar uma malha térmica, a chamada "segunda pele", por baixo das camisetas de sempre, de manga curta. Outra mania é a de personalizar caneleiras com fotos dos familiares e cortar a parte inferior dos meiões, usando por baixo uma meia comum, mais grossa, que garante mais aderência do pé com a chuteira. Sabendo dessa onda, o Botafogo incluiu no enxoval polainas, além dos tradicionais meiões — metade vai a campo com umas e a outra metade, com as outras. Com a boa fase do time, Zé não vê a hora de voltar às origens e comandar um vestiário de Série A, como nos tempos do uruguaio Loco Abreu, seu ídolo, de quem cuidava com carinho da camisa 13. ■

AQUELA AJEITADA NO MOSCARRÉ

Para celebrar seus quarenta anos, PLACAR reuniu Pelé e o jovem Neymar, que despontava como o novo camisa 10 do Santos. Numa sala lotada de gente que aguardava uma aula do rei, saiu a foto de capa daquela edição

Depoimento de ALEXANDRE BATTIBUGLI

"Para comemorar seus quarenta anos, PLACAR contou — como tantas vezes antes e depois — com Pelé, o maior de todos. Na época, março de 2010, começava a brilhar nos gramados brasileiros a estrela de Neymar. Assim, a redação armou fazer uma reportagem de capa com os dois camisas 10 do Santos. Eu já tinha fotografado o Pelé antes disso e sempre me impressionou não só a interminável paciência dele com tanta gente pedindo fotos e autógrafos, mas principalmente a capacidade de se envolver em cada momento. Eu me lembro de uma vez, na Vila Belmiro, que ele praticamente me dirigiu: fazia diferentes poses, pedia para ficar de costas para o campo, dizia para eu fazer mais uma, 'para garantir'.

Naquela noite, o repórter Ricardo Perrone e eu fomos até um estúdio perto da Avenida Paulista, em São Paulo, onde o rei daria uma aula na Rede de Ensino Desportivo, um curso a distância com telessalas inclusive em outros países. O lugar estava lotado de gente, todos tentando chegar perto do ídolo, dar um abraço, pegar o tão sonhado autógrafo. Conseguimos levá-lo para um espaço mais reservado, para começar a entrevista.

Naquele momento, desdenhou do auê em torno do cabelo de Neymar, garantindo que o corte, batido nas laterais e na nuca, com um topete meio moicano no topo da cabeça, não tinha nada de novo. 'Meu pai já usava assim quando jogava. Naquele tempo, este corte era chamado de moscarré'. Depois de alguns minutos conversando com PLACAR, Neymar chegou, tímido, junto com seu agente, Wagner Ribeiro. No dia anterior, o jovem atacante santista havia acabado com o Corinthians e, assim que ele entrou, Pelé brincou: 'Quer me matar do coração, moleque?'. Depois, falou mais um pouco sobre o passado no Santos, as alegrias, o sonho de ver o Brasil voltar a ganhar uma Copa do Mundo.

> *"Foi tudo muito rápido. Já usávamos câmeras digitais, e só tive tempo de fazer quinze ou dezesseis cliques. Eles estavam de mãos dadas, abraçados, sorrindo, mas faltava algo. Daí eu falei: 'Dá uma ajeitadinha no penteado do menino'"*

A tal aula começaria às 8 da noite e eu tinha poucos minutos para fazer as fotos. Minha lembrança daquela jornada é que estava tudo um caos, havia pouco espaço. Eu tinha colocado o equipamento de luz num canto, com o fundo amarelo para dar contraste às camisetas brancas. Era tanta gente que não havia distância para obter um bom ângulo. Assim que os dois se aprontaram, eu troquei a lente, encaixei uma teleobjetiva e, sem pensar muito, fui pedindo para as pessoas se afastarem, enquanto eu caminhava para trás, em busca do melhor enquadramento. Foi engraçado, ficou um enorme V no centro, com todo mundo vendo a cena.

Foi tudo muito rápido. Já usávamos câmeras digitais, ainda não tão avançadas, e só tive tempo de fazer quinze ou dezesseis cliques. Todo mundo sabe que Pelé é um excelente modelo, olhos sempre abertos, mirando a lente, aquele sorrisão inconfundível, logo estabelece essa conexão. Neymar também se mostrou um bom fotografado, só que as primeiras imagens não ficaram boas. Eles estavam de mãos dadas, abraçados, sorrindo, mas faltava algo. Daí eu falei: 'Dá uma ajeitadinha no penteado do menino. Isso, arruma o moscarré'. E assim saiu a capa dos quarenta anos de PLACAR." ■

ALEXANDRE BATTIBUGLI

O rei e a promessa que vingaria: o mais velho, brincalhão; o mais novo, tímido como menino

OS VOLANTES VIRARAM ESTRELAS

É a posição da vez, sem dúvida. Mas sou do tempo em que os cabeças de área não eram simplesmente destruidores de jogadas, corredores e cães de guarda

O Rei de Roma: não foi por acaso que Falcão ganhou essa alcunha

VICTOR SOKOLOWICZ

"Há nomes estranhos aos nossos ouvidos porque os jogadores estão partindo cada vez mais cedo para o exterior"

Quando fiquei sabendo que Jorginho, do Chelsea e da seleção italiana, seria capa da PLACAR, refleti sobre dois pontos: a quantidade de jogadores brasileiros se destacando no mercado internacional de que pouco ouvimos falar aqui no Brasil e como os volantes viraram as estrelas do futebol. Nas recentes convocações de Tite, muitos sites esportivos lançaram como título: "Saiba quem é Raphinha, meia-atacante do Leeds convocado para a seleção brasileira". Jorginho jogou no Brusque e Raphinha, no Avaí. David Neres, do Ajax, também foi um nome que surpreendeu muito torcedor. No PSV, tinha Mauro Júnior, outro desconhecido por aqui. Quem acompanha vorazmente o mercado internacional conhece esses nomes, mas a grande maioria nunca ouviu falar.

Lembro quando o Filipe Luís, que também se destacou na Europa, foi convocado. E o Dante? E a tendência são esses nomes estranhos aos nossos ouvidos rechearem as seleções, nossa e dos adversários, porque os jogadores estão partindo cada vez mais cedo para a Europa e muitos se naturalizando. Jorginho foi um desses casos. Me lembrou Mazzola, José João Altafini, que atuou pelo Brasil, na Copa de 58, e pela Itália, na de 62, e que aparece com destaque na reportagem de capa desta edição. Os italianos, por sinal, sempre estiveram de olho em nossos craques. Mazzola destacou-se no Milan, no Napoli e na Juventus, mas eles também levaram outro campeão de 58, que começou como titular e perdeu a vaga para Zito: Dino Sani, que se tornou campeão europeu pelo Milan. Em 62, foi a vez de Amarildo, que encantou o mundo ao substituir Pelé na Copa e viveu temporadas maravilhosas no Milan, na Fiorentina e no Roma. No mesmo ano, vimos Jair da Costa na Inter de Milão. Após a Copa de 74, eu e Jairzinho fomos para o Olympique de Marseille, Leivinha e Luís Pereira, para o Atlético de Madri e Marinho Peres, para o Barcelona, mas foi na década de 80 que os italianos voltaram com tudo e sua liga popularizou-se por aqui porque os jogos começaram a ser transmitidos e craques, como Zico, Sócrates, Junior, Careca, Cerezo, Falcão, Dirceuzinho e Alemão se mudaram para lá, sem falar no argentino Maradona e no francês Platini.

Nível altíssimo! Hoje, jogadores celebrados por aqui, como Gabigol, Pedro e Gerson, não conseguiram espaço na Itália. Jorginho é o nome da vez. E volante, a posição da vez. Torço por seu sucesso, mas sou do tempo em que os cabeças de área não eram simplesmente destruidores de jogadas, corredores, cães de guarda. Sou do tempo de Falcão, que, não por acaso, transformou-se no Rei de Roma. ■

"Eu já apoiava o Hospital, mas quando você tem esse envolvimento de vir visitar e ver o que está sendo feito com o dinheiro que está doando, faz toda a diferença. Senti uma emoção muito grande de ver de perto a quantidade de pessoas envolvidas, de grandes corações envolvidos no propósito da cura destas crianças."

Juan Silveira dos Santos

Ex-jogador e atual membro do Departamento de Futebol do Flamengo

A Renúncia Fiscal é uma oportunidade de direcionar parte do seu Imposto de Renda Devido para projetos sociais, beneficiando os milhares de pequenos pacientes atendidos por ano no Hospital Pequeno Príncipe.

No Brasil, apenas **3,15% do potencial de doação** da população foi destinado para instituições filantrópicas*. Isso corresponde a mais de **R$ 7,7 bilhões que deixaram**, por exemplo, **de impactar o cenário da saúde no Brasil**.

** Fonte: Grandes Números DIRPF 2020*

De forma fácil e sem custos, contribua com a vida de milhares de crianças e adolescentes. Calcule 6% do valor do seu Imposto de Renda Devido, seja a pagar ou a restituir, e, por meio do site **doepequenoprincipe.org.br**, direcione esse recurso, até **30 de dezembro de 2021**, para os projetos do maior hospital pediátrico do Brasil.

Essa modalidade de apoio também é possível no momento da declaração. Para mais informações, acesse nosso site.

Informações:

41 2108.3886 • 41 99962.4461

doepequenoprincipe@hpp.org.br

www.doepequenoprincipe.org.br

APOIO: